



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA FRANCESA**

LUANA COSTA DE FARIAS

**POETISAS DAS ÁFRICAS DE LÍNGUA FRANCESA:
UMA LÍRICA DE DIVERSIDADES**

CAMPINA GRANDE - PB

2021

LUANA COSTA DE FARIAS

**POETISAS DAS ÁFRICAS DE LÍNGUA FRANCESA:
UMA LÍRICA DE DIVERSIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Francesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras: Língua Portuguesa e Língua Francesa.

Orientadora: Professora Dr^a. Josilene Pinheiro-Mariz

CAMPINA GRANDE - PB

2021

F224p

Farias, Luana Costa de.

Poetisas das áfricas de língua francesa: uma lírica de diversidades /
Luana Costa de Farias. – Campina Grande, 2021.

71 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Língua Francesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz".

Referências.

1. Análise Literária. 2. Poesia de Língua Francesa. 3. Escritoras Africanas – Língua Francesa. 4. Produção Poética Feminina Africana – Língua Francesa. 5. Diversidade. I. Pinheiro-Mariz, Josilene. II. Título.

CDU 82.09(043)

Luana Costa de Farias

**POETISAS DAS ÁFRICAS DE LÍNGUA FRANCESA:
UMA LÍRICA DE DIVERSIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Francesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em __ de _____ de 2021

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)

Examinadora Interna: Prof^ª. Dr^ª. Maria Angélica de Oliveira (UFCG)

Examinador Interno: Prof. Me. Nyeberth Emanuel Pereira dos Santos (UFCG)

CAMPINA GRANDE
2021

Dedico este trabalho a todas as mulheres
que me inspiram com as suas histórias de
vida cheias de poesia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu redentor, por ter me dado força, paciência e capacidade. A sua bondade e misericórdia são infinitas em minha vida.

A minha família que me apoiou, aos meus pais, Eliete e Clóvis que mesmo diante das dificuldades, nunca deixaram de me incentivar aos estudos. Em especial à minha sogra, Rita, por ter contribuído com tanto amor e sabedoria para a minha formação.

Ao meu esposo Adriano, por sempre me apoiar e me fortalecer com palavras de fé e de amor. Ao meu filho Abraão, minha razão de viver, por me dar carinho todos os dias e por me mostrar que sonhar grande é possível.

Aos meus colegas e amigos de curso, Cristiane, João, Solaneres, pelas trocas de conhecimento e partilha de momentos agradáveis. Em especial à Manuella, por ser tão amiga e companheira durante todo o tempo.

Ao PET-Letras que me proporcionou experiências inesquecíveis e importantes para o meu crescimento pessoal e profissional. Agradeço aos petianos pela amizade e todos os momentos juntos, em especial à Alana, Ana Karenina, Ana Paula, Bianca, Davi e Fábio.

Aos professores do curso de Letras que contribuíram com muito empenho para a minha formação. Aos meus queridos professores e professoras de francês que tive a oportunidade de aprender a língua francesa, em especial ao professor Nyeberth Emanuel, meu primeiro professor de francês, minha imensa gratidão pela sua dedicação e paciência; e à professora Maria Angélica, meu imenso obrigada por sempre ser atenciosa e comprometida com a minha aprendizagem. Foi uma honra ter sido aluna de vocês.

Agradeço de forma especial à minha professora de francês, orientadora de iniciação científica e de monografia, tutora do PET e amiga que levarei para sempre em minha vida. Agradeço pela paciência, incentivo, apoio e compreensão nos momentos difíceis. Obrigada por todas as orientações com muita sabedoria e ensinamentos que vão além do meio acadêmico. Minha gratidão e admiração serão eternas.

Ao professor Nyeberth Emanuel e à professora Maria Angélica que prontamente aceitaram colaborar na construção desse trabalho.

Aos demais que contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui, minha eterna gratidão.

As palavras são as minhas armas preferidas.¹

Tanella Boni

¹ Les mots sont mes armes préférées. (BONI, 2017, p. 7).

RESUMO

Temos nos debruçado sobre os estudos da produção literária de escritoras dos espaços geográficos conhecidos como “francófonos”, uma vez que têm a língua francesa como língua de comunicação ou com outro status, dentre os muitos da língua francesa no mundo. Ora, se a língua francesa fora da França ainda ocupa de modo discreto o imaginário coletivo sobre a língua, o que dizer sobre a sua literatura? Adentrando um pouco mais nessa problemática, o que dizer da produção das poetisas? Sob essa ótica, neste trabalho de conclusão de curso, objetivamos catalogar a produção poética feminina de países do continente africano, segundo uma divisão geográfica que atende à: África subsaariana; países da região do Magrebe e Machrek; e, por fim, dos países insulares ligados a esse continente. A problemática de nossa pesquisa gira em torno do fato de haver uma frágil divulgação de registros acerca da produção, enfocando a voz da mulher na história literária (ADLER; BOLLMAN, 2017) e da poética dessas mulheres como uma forma de romper com o silêncio profundo dos acontecimentos de suas histórias (PERROT, 2017). Nessa perspectiva, esta pesquisa apresenta um importante grau de relevância, posto que, no Brasil, a Lei Federal 10.639/03 orienta sobre o ensino da cultura africana e afro-brasileira; e, por esse olhar, entendemos também que para o professor de língua francesa é viável ensinar sobre a África por intermédio também da língua francesa. Temos a seguinte pergunta como norteadora de nossa pesquisa: Quem são as poetisas das Áfricas de língua francesa? Buscamos responder às indagações: no âmbito da francofonia, qual o lugar qualitativo e quantitativo da poetisa africana na África subsaariana, no Magrebe e no Machrek e nos países insulares africanos?; quais os principais espaços (físicos e virtuais) de divulgação dessa produção literária?; e, por fim, quais são as temáticas mais recorrentes nas produções poéticas das escritoras em estudo? Tais questões deverão ser respondidas a partir do objetivo geral da pesquisa: Investigar a produção poética feminina africana de língua francesa por intermédio de um mapeamento, ressaltando a importância dessa poética para a nossa sociedade. A fim de responder a essas perguntas, estabelecemos como objetivos específicos os seguintes: a) recensear as obras e as poetisas da África subsaariana, Magrebe e Machrek; e dos países insulares de língua francesa; b) identificar os espaços de publicação das obras dessas poetisas; e, c) verificar as temáticas abordadas em suas produções poéticas. Para identificar as respostas para essas indagações, embasamo-nos em resultados de pesquisas PIVIC-CNPq/UFCG (2015-2020) e também em estudos de Gontard (2005) e Joubert (2006) e sobre a poesia, em Vaillant (2008). Sob uma perspectiva metodológica, esta pesquisa é quali-quantitativa, bibliográfica e documental, na perspectiva de Baldissera (2016). Ao seu término, entendemos que estaremos dando uma significativa contribuição para os estudos das literaturas de língua francesa desses espaços geopolíticos trazidos aqui, visto que não têm muitos estudos em nosso país, embora tenha uma importante produção no âmbito do cenário de língua francesa.

Palavras-chave: Escritoras. Poesia de língua francesa. Diversidade.

RÉSUMÉ

Nous nous sommes penchés sur les études de la production littéraire des écrivains des espaces géographiques dits «francophones», puisqu'ils ont la langue française comme langue de communication ou avec un autre statut, parmi les nombreuses langues françaises dans le monde. Or, si la langue française hors de France occupe encore de manière discrète l'imaginaire collectif de la langue, qu'en est-il de sa littérature? Pour approfondir ce problème, qu'en est-il de la production des poétesses? Dans cette perspective, dans ce travail de conclusion de cours, nous visons à cataloguer la production poétique féminine des pays du continent africain, selon une répartition géographique qui dessert: l'Afrique subsaharienne; pays du Maghreb et de la région de Machrek; et, enfin, les pays insulaires liés à ce continent. Le problème de nos recherches tourne autour du fait qu'il y a une diffusion fragile des disques sur la production, centrés sur la voix des femmes dans l'histoire littéraire (ADLER; BOLLMAN, 2017) et la poétique de ces femmes comme moyen de rompre avec le profond silence des événements de leurs histoires (PERROT, 2017). Dans cette perspective, cette recherche a un degré important de pertinence, puisque, au Brésil, la loi fédérale 10.639 / 03 fournit des orientations sur l'enseignement de la culture africaine et afro-brésilienne; et, à travers ce regard, nous comprenons également que pour le professeur de français, il est également possible d'enseigner l'Afrique à travers la langue française. Nous avons la question suivante pour guider nos recherches: Qui sont les poétesses africaines francophones? Nous cherchons à répondre aux questions: dans la sphère francophone, quelle est la place qualitative et quantitative de la poétesse africaine en Afrique subsaharienne, au Maghreb et à Machrek et dans les pays insulaires africains?; quels sont les principaux espaces (physiques et virtuels) de diffusion de cette production littéraire?; et, enfin, quels sont les thèmes les plus récurrents dans les productions poétiques des écrivaines étudiées? Il convient de répondre à ces questions en fonction de l'objectif général de la recherche: enquêter sur la production poétique des femmes africaines francophones à travers une cartographie, en soulignant l'importance de cette poétique pour notre société. Afin de répondre à ces questions, nous nous sommes fixé comme objectifs spécifiques les suivants: a) lister les œuvres et les poétesses de l'Afrique subsaharienne, du Maghreb et du Machrek; et les pays insulaires francophones; b) identifier les espaces de publication des œuvres de ces poétesses; et, c) vérifier les thèmes abordés dans ses productions poétiques. Pour identifier les réponses à ces questions, nous nous appuyons sur les résultats des recherches PIVIC-CNPq / UFCG (2015-2020) ainsi que sur les études de Gontard (2005) et Joubert (2006) et sur la poésie, dans Vaillant (2008). D'un point de vue méthodologique, cette recherche est quali-quantitative, bibliographique et documentaire, dans la perspective de Baldissera (2016). À la fin, nous comprenons que nous apporterons une contribution significative aux études des littératures de langue française de ces espaces géopolitiques amenés ici, puisqu'ils n'ont pas beaucoup d'études dans notre pays, bien qu'ils aient une production importante au sein de la scène francophone.

Mots-clés: Écrivaines. Poésie de langue française. Diversité.

ABSTRACT

We have been looking at the studies of the literary production of writers from the geographic spaces known as « francophone » since they have the French language as a language of communication or with another status, among the many of the French language in the world. Now, if the French language outside of France still occupies the collective imagination of the language in a discreet way, what about its literature? Going a little deeper into this problem, what about the production of the poets? From this perspective, in this course conclusion work, we aim to catalog the female poetic production of countries on the African continent, according to a geographical division that serves: Sub-Saharan Africa; countries in the Maghreb and Machrek region; and, finally, the island countries linked to that continent. The problem of our research revolves around the fact that there is a fragile dissemination of records about production, focusing on the voice of women in literary history (ADLER; BOLLMAN, 2017) and the poetics of these women as a way to break with the deep silence of the events of their stories (PERROT, 2017). In this perspective, this research has an important degree of relevance, since, in Brazil, Federal Law 10.639 / 03 provides guidance on the teaching of African and Afro-Brazilian culture; and, through this look, we also understand that for the French language teacher it is feasible to teach about Africa through the French language as well. We have the following question to guide our research: Who are the French-speaking African poets? We seek to answer the questions: in the scope of French speaking, what is the qualitative and quantitative place of the African poet in sub-Saharan Africa, the Maghreb and Machrek and in the African island countries?; what are the main spaces (physical and virtual) for the dissemination of this literary production?; and, finally, what are the most recurring themes in the poetic productions of the writers under study? Such questions should be answered based on the general objective of the research: To investigate the French-speaking African female poetic production through a mapping, emphasizing the importance of this poetics for our society. In order to answer these questions, we set as specific objectives the following: a) to list the works and poets of sub-Saharan Africa, Maghreb and Machrek; and French-speaking island countries; b) identify the spaces for publishing the works of these poets; and, c) verify the themes addressed in his poetic productions. To identify the answers to these questions, we rely on the results of research by PIVIC-CNPq / UFCG (2015-2020) and also on studies by Gontard (2005) and Joubert (2006) and on poetry, in Vaillant (2008). From a methodological perspective, this research is qualitative, bibliographic and documentary, in the perspective of Baldissera (2016). At the end, we understand that we will be making a significant contribution to the studies of French language literatures of these geopolitical spaces brought here, since they do not have many studies in our country, although they have an important production within the French language scene.

Key-words: Withers. French language-poetry. Diversity.

QUADROS

Quadro 01 -	Poetisas da África subsaariana de Língua Francesa	27
Quadro 02 -	Poetisas da África subsaariana que receberam premiações	30
Quadro 03 -	Poetisas dos países da região do Magrebe	42
Quadro 04 -	Poetisas dos países da região do Machrek	45
Quadro 05 -	Poetisas dos países das regiões do Magrebe e do Machrek que receberam premiações	47
Quadro 06 -	Poetisas dos países insulares de Língua Francesa	57
Quadro 07 -	Poetisas dos países insulares que receberam premiações	58

ILUSTRAÇÕES

Figura 01 -	Mapa dos países da África subsaariana de língua francesa	26
Figura 02 -	Mapa dos países da região do Magrebe	40
Figura 03 -	Mapa dos países da região do Machrek	45
Figura 04 -	Mapa dos países das regiões insulares de língua francesa	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1:	19
A DIVERSIDADE NA POÉTICA SUBSAARIANA DE LÍNGUA FRANCESA	19
1.1 A poesia e a mulher escritora em uma sociedade patriarcal	21
1.2 O lugar da poetisa na África subsaariana de língua francesa	26
1.3 Tanella Boni e Clementine Faik Nzuji Madiya: líricas de diversidades	32
CAPÍTULO 2:	37
A LÍRICA FEMININA DOS PAÍSES DA REGIÃO DO MAGREBE E DO MACHREK AFRICANO DE LÍNGUA FRANCESA	37
2.1 A riqueza das diferenças contidas nas produções poéticas das Áfricas de língua francesa	39
2.2 Mulheres que escrevem para resistir	40
2.3 Siham Benchekroun e Amina Saïd: vozes poéticas	49
CAPÍTULO 3:	53
A PRODUÇÃO POÉTICA DAS ESCRITORAS DE LÍNGUA FRANCESA DE PAÍSES INSULARES AFRICANOS	53
3.1 A produção literária insular de língua francesa.....	54
3.2 Além-mar: uma literatura rica produzida por mulheres	55
3.3 Ananda Devi e Julienne Salvat: uma literatura de imagens, imaginário e ficção	60
CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo no campo da literatura, as mulheres escritoras foram colocadas à margem da cena literária. Isso refletia a sociedade patriarcal que limitava os direitos das mulheres, inclusive, o de escrever. Se levarmos em consideração o seu percurso na literatura, podemos observar que a mulher ainda é pouco estudada e quando se é estudada, a legitimidade de sua voz é posta em questão (DACALGASTNÈ, 2012). As personagens femininas das obras literárias também mostravam um espelho das sociedades, pois a personagem mulher representava papéis sociais de submissão e obediência ao homem. Muitas mulheres escritoras originárias de países de língua francesa, fora do eixo hexagonal², utilizam essa língua como ponte com outros continentes, para darem vazão às suas produções literárias e consequentemente, divulgarem suas histórias de vida, em grande parte das vezes.

Com o passar do tempo, temos observado estudos que se ocupam em dar enfoque à produção de escritoras africanas “ditas francófonas³” (JOUBERT, 2006). As frequentes aspas em “francófono” e “francofonia” se justificam pela enorme diversidade que envolve tal noção, uma vez que alcança todas as pessoas que têm em comum a língua francesa, seja como língua materna ou administrativa. Criada em 1970, a Organização Internacional da Francofonia (OIF, 2021) nos informa que a língua francesa não é utilizada apenas no Hexágono. Esta organização agrupa cerca de 88 Estados e governos (dos quais, 54 membros, 7 membros associados e 27 observadores), sendo 300 milhões de falantes de língua francesa, repartidos pelos cinco continentes. No continente africano, encontra-se o maior número de países de língua francesa, estimados em cerca de 55% dos falantes, distribuídos em 31 países francófonos africanos, compondo em média 42% dos falantes que utilizam a língua francesa como língua oficial ou veicular (OIF, 2021).

Os espaços francófonos, de um modo geral, ligam-se a uma noção de subserviência, pelo fato de o termo estar associado à história da colonização. Vale ressaltar que, atualmente, a literatura produzida em língua francesa originária desses países “ditos francófonos” (JOUBERT, 2006), tem se constituído em um elemento de grande importância para o fortalecimento da literatura escrita em francês ao redor do mundo. Segundo Boisseron e Ekotto (2011), “a francofonia é uma viajante que, por estar sempre em formação, não pode ser obsoleta: seu futuro deve levar em conta seu itinerário passado.”⁴ (BOISSERON; EKOTTO, 2011, p.

² O mapa da França tem o formato da figura geométrica hexágono; por essa razão, o país é chamado também de Hexágono, diferenciando-o de outros países em que a língua francesa está presente.

³ A esse respeito, *conf.* Allouache (2012).

⁴ *la francophonie est une voyageuse qui, parce qu'elle est toujours en devenir, ne peut être obsolète : son devenir doit prendre en compte son itinéraire passé.* (BOISSERON; EKOTTO, 2011, p. 15). Todas as traduções deste trabalho são de nossa autoria, salvo menção contrária.

15), assim, constatamos que a francofonia cresce e se enriquece com a diversidade de povos e culturas diversas.

Por essa ótica, se a língua francesa fora da França ainda ocupa, de certa forma, o imaginário coletivo de exotismo em todo mundo, o que dizer sobre a sua literatura? E o que dizer da mulher escritora, particularmente, da poetisa? A problemática da nossa pesquisa dá ênfase ao fato de haver uma frágil divulgação dessa literatura produzida por mulheres, em registros tais como antologias e demais documentos e espaços de circulação literária, não unicamente nessa região de língua francesa, mas, em diversos outros espaços. É possível constatar que essa parece ser uma realidade histórica da tradição literária ocidental e oriental (ADLER; BOLLMAN, 2017) e as poetisas através das suas obras, mostram que há uma produção literária que ainda pode ser mais visibilizada; e, diante desse fato, elas escrevem como uma forma de romper com o silêncio profundo em que permaneceram confinadas, escrevendo sobre os acontecimentos de suas histórias. (PERROT, 2017).

Sendo assim, esta investigação tem sua relevância também ao consideramos que, no Brasil, a Lei Federal 10.639/03⁵ orienta quanto ao ensino da cultura africana e afro-brasileira. Por essa ótica, entendemos que esta pesquisa se apresenta como um indispensável caminho para apresentar esse conteúdo ao professor de língua francesa, levando-o a estar apto ao ensino e às discussões a respeito da África pelas vias da língua francesa; ainda que diversas discussões apontem para a anulação dessa Lei, entendemos que tal abordagem é necessária para a formação de leitores e de professores de qualquer língua, uma vez que se trata de uma perspectiva que visa a uma formação integral do ser humano.

Neste estudo, buscamos analisar a produção poética de escritoras dos países de língua francesa do continente africano, a saber: da África subsaariana, considerando-se a região ao sul do maior deserto do planeta, o Saara; bem como das poetisas dos países da região do Magrebe e do Machrek de língua francesa, localizados ao norte do deserto do Saara; e por fim, das poetisas dos países insulares de língua francesa, localizados no Oceano Índico. Reiteramos que a literatura de autoria feminina confere à mulher o direito de fala, representando, dessa forma, mulheres que refutam as imagens tradicionais, historicamente, a ela imputadas pelo pensamento patriarcal (ZOLIN, 2009). Assim, verificamos que a literatura emerge desses locais como o lugar que dá voz, sendo essa rica produção poética feminina um lugar de expressão, pois, ainda há uma reduzida representatividade feminina no domínio literário.

⁵ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

Entre outros fatores, também está relacionada ao desafio de mulheres se autodeclararem escritoras, somado à posição que o mercado literário lhes atribui. No entanto, ser mulher e escritora é uma tarefa imensamente maior, pelo processo de apagamento dessas vozes, cujas marcas de raça e gênero mostram como representam um diferencial para o cânone literário e para cultura marcada pelo patriarcalismo e etnocentrismo.

Vale salientar que essa pesquisa é parte de um estudo maior, iniciado no ano de 2011 e que percebe a importância de se estudar a produção literária de escritoras de países de língua francesa fora da França; e, alguns de seus resultados são oriundos de pesquisas PIVIC-CNPq/UFCG (2011-2020) e também de reflexões teóricas ancoradas em Gontard (2005), no que dizem respeito as discussões sobre o lugar da produção literária das escritoras de diversos países de língua francesa; bem como nos estudos de Vaillant (2008), quanto aos elementos que caracterizam uma obra pertencente ao gênero poético.

Nesta pesquisa fizemos uma catalogação dessa atual produção poética feminina do continente africano e de países insulares africanos de língua francesa, intentando-se fazer ponderações sobre tais poetisas e buscamos, nesse viés, identificar qual a função dessa produção literária na perspectiva das escritoras que adotaram a língua francesa como a mais viável. Ressaltamos aqui a importância de pesquisas como esta em nosso meio acadêmico, pois, acreditamos que contribua de forma significativa para visibilizar as autoras. A partir de tais reflexões, pudemos, naturalmente, identificar a diversidade da produção poética e enfocamos particularmente, nas especificidades culturais dos povos que compartilham a língua francesa.

Portanto, buscando respostas para os nossos questionamentos, três objetivos específicos que estão relacionados à questão norteadora nos inquietam em saber qual o lugar da poética feminina africana de língua francesa. Dentre os seus objetivos, configura-se como geral: investigar a produção poética feminina africana de língua francesa por intermédio de um mapeamento, ressaltando a importância dessa poética para a nossa sociedade. Diante disso, nossos objetivos de pesquisa específicos foram: a) recensar as obras e as poetisas da África subsaariana, Magrebe e Machrek; e dos países insulares de língua francesa; b) identificar os espaços de publicação das obras dessas poetisas; e, por fim c) verificar as temáticas abordadas em suas produções poéticas.

Do ponto de vista da metodologia, segundo Baldissera (2016), a pesquisa é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico que tem por finalidade estudar algum aspecto da realidade com o objetivo de ação prática. Nesse sentido, esta pesquisa está inserida no paradigma das pesquisas quali-quantitativas, considerando-se o seu foco, enquanto natureza do fenômeno investigado e documental e bibliográfica (BALDISSERA, 2016). Diante de sua

característica, a análise será, primeiramente, quantitativa para, posteriormente, procedermos à análise qualitativa. Tal análise estará ancorada nos padrões estabelecidos para as pesquisas qualitativas, ajustando-se a ela as técnicas desse tipo de pesquisa, que é também bibliográfica, pois investigará as especificidades de poemas selecionados, a partir dos elementos que favorecem a identificação da produção feminina dentro das suas características de obra literária.

O percurso desta pesquisa está dividido em dois momentos principais: primeira etapa consistiu-se, portanto, da realização das leituras do aporte teórico que dão suporte às reflexões sobre a produção poética feminina, assim como nas leituras relacionadas à noção de francofonia, considerando-se a complexidade dessa temática, bem como na catalogação e/ou recenseamento das obras das poetisas dos países e regiões em estudo, localizadas em sites e blogs. Em uma segunda etapa, passamos à análise dos poemas selecionados e procedemos à investigação dos elementos que caracterizam uma obra como pertencente ao gênero poético (VAILLANT, 2008) fazendo análises dos elementos peculiares à lírica feminina. De tal modo, julgamos necessário a realização de leituras que nos ajudem a observar o quão a mulher escritora vem conquistando o seu espaço no mundo literário, um espaço majoritariamente ocupado pelos homens.

Assim, este trabalho constitui-se de três capítulos, além da Introdução, da Conclusão e das Referências. No capítulo 1, *A diversidade da poética subsaariana de língua francesa*; subdividido em três subseções, a saber: 1.1 *A presença da mulher escritora na sociedade patriarcal*; 1.2 *O lugar da poetisa na África subsaariana de língua francesa* e, por fim; 1.3 *Tanella Boni e Clementine Faik Nzuji Madiya: líricas de diversidades*. Nesse capítulo, abordaremos a produção poética, a partir de uma catalogação em sites e blogs; e, por fim, faremos uma leitura de dois poemas selecionados, observando os elementos estéticos utilizados por elas, bem como as temáticas mais recorrentes em suas produções poéticas. Ainda discutiremos sobre o papel das poetisas inseridas em uma sociedade patriarcal, ressaltando os desafios enfrentados por elas no campo da literatura.

Já o capítulo 2, *A lírica feminina dos países da região do Magrebe e do Machrek africano de língua francesa* também está subdividido em três subseções: 2.1 *A riqueza das diferenças contidas na poética das Áfricas ao norte e ao sul do deserto do Saara*; 2.2 *Mulheres que escrevem para resistir*; e, por último, 2.3 *Siham Benchekroun e Amina Saïd: vozes poéticas*. Nesse momento, refletiremos sobre as semelhanças encontradas nas produções poéticas nas duas Áfricas de língua francesa, ao sul e ao norte do grande Saara, trazendo discussões sobre a produção poética das escritoras dos países do Magrebe e do Machrek, revelando a particularidade de cada uma dessas regiões; bem como os temas mais utilizados por elas.

O último capítulo, o 3, está intitulado *A poética das escritoras dos países insulares africanos de língua francesa*, está subdividido igualmente em: 3.1 *A produção poética insular de língua francesa*; 3.2 *Além mar: uma literatura rica produzida por mulheres*; e, 3.3 *Ananda Devi e Julienne Salvat: uma literatura de imagens, imaginário e ficção*. Nesse último capítulo, abordaremos sobre as poetisas dos países insulares africanos, observando os detalhes contidos na lírica dessas escritoras. Refletiremos sobre as temáticas encontradas em suas produções poéticas, através de um mapeamento de suas obras.

Através do percurso dessa pesquisa, acreditamos que seja possível visibilizar as poetisas que ainda estão fora da cena literária, possibilitando o acesso da literatura desses países e regiões de língua francesa. Vale ressaltar que é indispensável para nós, professores em formação, que haja um interesse em pesquisar sobre a literatura feminina não só fora da França, pois, ao realizarmos tais pesquisas, pode haver uma valorização e visibilidade dessa literatura produzida pelas poetisas, minimizando, assim, as diferenças existentes entre homens e mulheres no campo da literatura.

CAPÍTULO 1:**A DIVERSIDADE NA POÉTICA SUBSAARIANA DE LÍNGUA
FRANÇESA**

A historiografia africana evoluiu muito desde o século XV até os dias de hoje. De uma maneira geral, existiram duas fases: uma primeira, onde quase toda a produção literária é de autores estrangeiros e uma segunda fase marcada pelo surgimento de historiadores africanistas que contavam e retratavam a África. Segundo M’Bow (2010), na atualidade, reconhece-se amplamente que as civilizações do continente africano, através da sua variedade linguística e cultural, formam em maior ou menor grau, as vertentes históricas de um conjunto de povos e sociedades unidos por laços seculares (M’BOW, 2010, p.9). Isso nos faz observar como a história deste continente nos períodos de pré e pós-colonização é rica em troca de conhecimentos e experiências entre os seus povos habitantes.

Pesquisando sobre a literatura durante esses períodos, veremos que a tradição falada e/ou cantada é uma fonte muito importante da História Africana. Jean Vansina foi um dos pioneiros nas pesquisas sobre tradição oral na África e ele a define como o conjunto de testemunhos orais transmitidos de geração em geração (KI-ZERBO, 2010, p.139). Saliou Mbapes, também historiador africano, insiste na necessidade de recolher e preservar essa tradição oral que é formada por diversos fatos do passado, constituindo uma riqueza literária africana (KI-ZERBO, 2010, p. 141). Essa literatura oral tem um papel significativo, pois, através dela, transmitiam valores e crenças de povos em povos e “compreende-se, pois, a importância enorme da tradição oral como forma indispensável para o conhecimento de grande parte da história da África pré-colonial”. (GIORDANI, 2010, p.38).

Ainda segundo Giordani (2010), vale lembrar uma notável característica da memória africana: registra toda a cena: o cenário, os personagens, suas palavras, até mesmo os mínimos detalhes das roupas, ou seja, através da tradição oral como cantos e danças, as narrativas eram contadas, seja ela no seio familiar, para as crianças ou para a sociedade, trazendo vida aos fatos, reforçando o valor histórico daquele povo. De acordo com Matateyou (2011):

A fala aqui é a rainha e deve ser dominada para viver em sintonia com a sociedade cujo o coração bate ao ritmo de nascimentos, casamentos, mortes, palavras, doenças, sessões de iniciação e de adoração. O poder da fala se manifesta em danças e cânticos sagrados, juramentos, mas principalmente quando se trata do mundo fluido e intangível. (MATATEYOU, 2011, p. 15)⁶.

⁶ La parole ici est la reine et il faut la maîtriser pour vivre en phase avec la société dont le cœur bat au rythme des naissances, des mariages, des décès, des palabres, des maladies, des séances d’adoration et d’adorcisation. Le pouvoir de la parole est manifeste dans les danses et chants sacrés, les serments, mais surtout lorsqu’elle concerne le monde fluide, immatériel. (MATATEYOU, 2011, p. 15)

A grande maioria das mulheres das sociedades africanas, por não terem conhecido ou desenvolvido a escrita ao mesmo tempo que aquelas dos países europeus, por exemplo, usavam muito a literatura oral como modo de expressão em sua comunidade. Em tal situação, as mulheres *griottes* “mestres da palavra” e matriarcas de suas famílias eram contadoras de histórias, guardiãs dos costumes e tradicionalistas que se tornaram personalidades indispensáveis para a conservação e perpetuação dos valores culturais da sociedade em que viviam.

Embora vivendo em uma sociedade patriarcal que segregava as mulheres, elas entoavam cantos que inspiravam e emponderavam umas às outras. O *saabi*, por exemplo, é um canto poético que desafia a ideia de superioridade dos homens, dando uma certa confiança para elas. Muitos países do continente africano possuem uma linhagem de mulheres *griottes* como Senegal, Costa do Marfim, Benim entre outros. Com a independência desses países, as mulheres também comemoravam com celebrações em forma de música e poesia que foram passadas de bisavós até as netas mais novas da família.

Com essas considerações, iniciamos este capítulo que pretende investigar e divulgar a produção poética das escritoras dos países da África subsaariana, trazendo reflexões sobre o lugar mulher na sociedade, levando em consideração os inúmeros desafios que elas sempre enfrentaram ao longo dos anos. Observaremos, também, como literatura tem um papel fundamental na vida dessas poetisas, principalmente quando consideramos o contexto-histórico de cada país, elas retratam as suas lutas de maneira forte e grandiosa, através de cada verso.

1.1 A poesia e a mulher escritora em uma sociedade patriarcal

Pelo contexto patriarcal, muitas ficavam confinadas aos afazeres domésticos e isso resultava em uma limitação ao acesso das oportunidades para as mulheres em diversos nichos. Por ficarem reclusas em seus lares, as mulheres começaram a escrever, revelando através da escrita, em forma de crônicas, contos ou poemas, uma realidade há muito tempo vivida e silenciada, motivando outras mulheres no campo da literatura. Podemos perceber como existe uma riqueza nessas produções literárias, como por exemplo, a diversidade dos elementos no ato da escrita, retratando e eternizando as suas histórias de vida ou criando diversas histórias inspiradoras.

A poesia, desde muito tempo, fez parte da vida dessas mulheres. Ao escrever as obras, sejam elas com versos militantes, políticos ou simplesmente para revelar a beleza de uma mãe

amamentando o seu filho, descrevendo a cena em seus mais ricos detalhes de maneira grandiosa. A poetisa traz em si um papel importante, pois na maioria das vezes, se entrelaça com a sua própria realidade, dando voz aos fatos da história, com suas ideias e coragem de escrever. Segundo Vaillant (2008), a poesia é por excelência a arte da fala viva, que devolve à voz humana o seu poder de simbolização e a sua força de encarnação.

Pelo fato de o continente africano ter diversos países de língua francesa, é possível notar a diversidade em suas produções poéticas, a riqueza de culturas e formas. Ainda segundo Vaillant (2008), a única certeza – simples, incontestável, intangível – que a gente possa invocar sobre a poesia, é que sua extraordinária diversidade: diversidade de formas que ela adota, dos objetivos que ela atribui a si mesma, as imagens que ela dá a si mesma.

Escrever poesia, para muitas escritoras é um ato de afirmação de identidade, é compartilhar o amor, é uma viagem para um outro lugar, é descobrir um novo mundo, é livrar-se do peso da invisibilidade. Assim, Doucey (2011):

O poeta escreve para sacudir certezas adquiridas e perturbar o reflexo de imagens congeladas. Porque o seu canto desenha os contornos de uma arte de conviver, porque as suas palavras são um espaço de liberdade, aberto e oferecido aos outros, que um texto literário é partilhado como compartilharmos o arroz, a mandioca ou o pão. Na poesia, as palavras têm um sentido inato de hospitalidade. (DOUCEY, 2011, p. 14)⁷.

As mulheres desde sempre tiveram que reivindicar pelo seu lugar na esfera política, bem como no campo das artes e da literatura. Muitas lutaram pelos seus direitos, abriram escolas, publicaram livros e enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever (DUARTE, 2003, p.85). Muitas mulheres através de suas experiências de vida transformam o mundo da literatura por intermédio de suas produções literárias, marcadas pela autodescoberta e pela busca de identidade em um espaço.

As mulheres escritoras diante de seu contexto de vida, romperam com os moldes do patriarcado, isso nos evidencia que “as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura.” (MUZART, 2003, p.267).

⁷ Le poète écrit pour faire vaciller les certitudes acquises et troubler le reflet des images figées. Parce que son chant dessine les contours d'un art de vivre ensemble, que sa parole est un espace de liberté, ouvert et offre à l'autre, qu'un texte littéraire et partage comme on partage le riz, le manioc ou le pain. En poésie, les mots ont un sens inné de l'hospitalité. (DOUCEY, 2011, p. 14).

Podemos observar através dessas produções poéticas, temáticas fortemente ligadas ao cotidiano dessas mulheres. Muitas das temáticas abordam família, infância, maternidade, sexualidade e afirmação identitária, outras trazem denúncias do sistema social imperado pelo homem. Por essa ótica, pensar na produção poética africana de língua francesa nos permite vislumbrar a possibilidade de se estabelecer uma ponte intercultural entre o Brasil e o continente africano, visto que aqui em nosso país, o sistema patriarcal ainda domina a nossa sociedade. Podemos constatar esses dados em pesquisas já anteriormente realizadas, como por exemplo, uma publicação de um artigo que fizemos na Revista Letras Raras, investigando a produção feminina em sociedades em que o espaço da mulher é bem restrito.

Nesse espaço geográfico, nota-se fortemente mulheres que fazem suas vozes emergirem na escrita, permitindo-nos assim, encontrar uma significativa produção literária em países da África subsaariana de língua francesa, mesmo sendo uma área predominantemente masculina. Ponderando o crescimento considerável dessa produção rica e dinâmica, as escritoras africanas permitem uma abertura de possibilidades para se conhecer fatos imprescindíveis de observação. Nesse sentido, Ndiaye (2004) afirma que:

Apresentar fatos marcantes da história dessa crítica dessas literaturas, levando-se em conta a evolução das perspectivas da crítica literária. Trata-se, ao mesmo tempo de revelar toda a riqueza e o dinamismo dessas literaturas em uma visão geral que busca situar as obras em relação à evolução da escrita literária ao longo do tempo e no contexto dos principais gêneros. (NDIAYE, 2004, p.5)⁸.

Considerando as circunstâncias sociais como fatores determinantes na produção literária da poetisa africana, quase sempre a mulher é colocada em uma posição de submissão, tendo os seus sonhos e vontades sufocados por valores impostos por uma sociedade predominantemente patriarcal. Tais escritoras têm, evidentemente, um importante papel social, pois as suas manifestações literárias nos evidenciam o “tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação.” (ZOLIN, 2009, p.218).

Ainda segundo Zolin (2009), historicamente, as mulheres não ocuparam lugar de destaque na sociedade, haja vista que durante muitos séculos foram submetidas a papéis que as

⁸ Présenter des faits marquants de l’histoire de cette critique de ces littératures en tenant compte de l’évolution des perspectives de la critique littéraire. Il s’agit en même temps de faire apparaître toute la richesse et le dynamisme de ces littératures dans un aperçu d’ensemble qui cherche à situer les œuvres par rapport à l’évolution de l’écriture littéraire au fil du temps et dans le cadre des principaux genres. (NDIAYE, 2004, p.5)

inferiorizavam, sendo destinadas às atividades unicamente domésticas, sem obterem as mesmas oportunidades que os homens, ou seja, excluídas da sociedade. Tendo a vida familiar e social bastante limitada, a mulher estava, -e em muitos dos casos ainda está-, confinada ao doméstico, sendo considerada como “sexo frágil” e desprovida de inteligência, por mais estranho que isso nos soe. O homem, contrariamente, envolvido na esfera pública e social desde cedo, era o sustentáculo financeiro da casa, agindo muitas vezes de forma autoritária, arbitrária e agressiva, condenando a mulher ao silenciamento, sendo mantida em um cenário de completo esquecimento.

A partir desse cenário histórico-social, surgem ao longo dos anos, mais escritoras, que bradam em uma escrita, -intrinsecamente autêntica e gradativamente mais forte-, denúncias e reivindicações, ou através de seus personagens, nas narrativas, majoritariamente autobiográficas, ou mesmo em poemas e outras manifestações literárias. Muitas mulheres sendo protagonistas de suas próprias histórias, trazem para nós, leitores, os seus vieses de enxergar o mundo, a partir de suas experiências, conduzindo-nos às reflexões de um modo mais crítico sobre as suas escolhas, bem como se constituem. Assim, Cazenave (1996) afirma:

O contorno do mundo das mulheres mostra seus “paradoxos” e detalhes na escolha de textos e excertos de autoras francófonas e anglófonas, as etapas da escrita no feminino: as penas do casamento e a tomada de consciência de si e “a vinda ao escrever” na aparição de “novos escritos” que mostram as “mulheres em luta” diante das “derrapagens da sociedade”. (CAZENAVE, 1996, p.12)⁹

Cazenave (1996) nos permite ampliar ainda mais essa realidade da escrita de mulheres na África subsaariana, ao nos chamar a atenção para outras realidades, com autoras francófonas e anglófonas. Dentre as mais conhecidas, podemos citar a nigeriana Buchi Emecheta, a queniana Warsan Shire ou ainda a zimbabuense Yvonne Vera, uma das vozes mais importantes da literatura anglófona, ao lado da também nigeriana Chimamanda Ngozi Adchie.

Estas e outras autoras africanas também hispanófonas, lusófonas, italófonas e germanófonas nos levam, a partir de suas obras, a um mergulho na história dos seus países, enquanto nações pós-coloniais. Essa é uma realidade que nos permite um resgate de memória, aos tempos de guerras e outras condições peculiares à referida região, tais como a tradição oral enquanto raiz africana. São esses elementos que nos permitem identificar a poética africana

⁹ Le contour du monde des femmes, montre ses “paradoxes”, et détailles dans le choix des textes et des extraits d’auteurs francophones et anglophones, les étapes de l’écriture au féminin : des peines du mariage et de la prise de conscience de soi et “la venue à l’écriture” “à l’apparition de “nouvelles écritures” qui montrent les “femmes en lutte” face aux “dérappages de la société”. (CAZENAVE, 1996, p.12)

contemporânea e o seu impacto na sociedade, permitindo que essas escritoras façam de sua produção literária uma riqueza cultural, consolidando-se, paulatinamente, como uma literatura fundamentalmente importante em um espaço, tradicionalmente, destinado aos autores, ao homem.

Atualmente é inegável o compromisso social que as escritoras africanas manifestam em suas obras, abordando temáticas capitais das vidas de milhares de mulheres, que em muitos casos, são afirmações em favor da emancipação feminina. Assim, Miampika (2002) destaca que a literatura feminina é peculiarmente proprietária de uma poética emancipatória do gênero, que reelabora a identidade feminina:

A literatura feminina propõe uma poética emancipatória do gênero com o objetivo de um encontro consigo mesma (...) Essa poética reelabora uma nova definição da identidade feminina e a necessidade de ser considerada como sujeito histórico em um contexto de violência estrutural e de modernidade inacabada. (MIAMPIKA, 2002, p. 178)¹⁰

Ao analisarmos cronologicamente o trajeto dessas escritoras, o número de publicações era, proporcionalmente, muito reduzido, quando comparado à quantidade de autores; uma vez que não são muitas as meninas que tiveram acesso à educação. Mesmo diante das muitas dificuldades, essas produções vêm ocupando um expressivo espaço no mundo literário, elencando dados essenciais, de uma maneira intrínseca e peculiar, sobretudo na poesia, conforme a poetisa africana escreve.

Pensando tanto na lírica, quanto na narrativa, é possível observar que é por intermédio da literatura que a escritora tem transformado o modo de ver e valorizado a imagem da mulher africana, criando mulheres fortes e protagonistas de suas próprias histórias, quebrando o silêncio no qual estiveram encarceradas por muito tempo, como afirma Mugo (1998):

As mulheres africanas escrevem para romper o silêncio no qual elas estiveram há tanto tempo e para ter acesso a uma parcela de poder, já que a escrita dá essa voz, através do ato social da escrita, a escritora pretende ser a voz que representa todas as mulheres do continente. (MUGO, 1998, p. 54)¹¹

¹⁰ La literatura femenina propone una poética emancipadora del género con el fin de reencuentro consigo misma (...) Dicha poética (re) elabora una nueva redefinición de la identidad femenina, y la necesidad de ser considerada como sujeto histórico en un contexto de violencia estructural y de modernidad inacabada. (MIAMPIKA, 2002, p. 178)

¹¹ Las mujeres africanas escriben para romper el silencio en el que han estado sumidas tanto tiempo y para acceder a una parcela de poder ya que la escritura otorga poder a la vez que, mediante el acto social de escribir, la escritora pretende ser la voz que representa a todas las mujeres del continente (MUGO, 1998, p.54).

Neste contexto literário tão vasto, as mulheres escritoras tiveram e ainda têm por realizarem grandes esforços em muitos sentidos, superar inúmeros obstáculos, sendo eles: o próprio ato de escrever, publicar, a crítica, entre outras. Muitas dificuldades, estas, que foram enfrentadas pelas primeiras escritoras africanas, falta acolhimento e publicação das obras, por ser um espaço tipicamente masculino, as obras que fossem recepcionadas negativamente ou com indiferença.

1.2 O lugar da poetisa na África subsaariana de língua francesa

O continente africano é composto por diversos países. Os países da África subsaariana de língua francesa são: África Central; Benin; Burkina Faso; Costa do Marfim; Camarões; Chade; Congo; Gabão; Guiné; Mali; Niger; República do Congo; República Democrática do Congo; Senegal e Togo, todos eles possuem a língua francesa como língua oficial, de veículo ou de comércio. Podemos notar que pela sua vasta extensão, muitas outras línguas são faladas, enriquecendo a diversidade em vários aspectos. Desde a época da pós-colonização, arqueólogos e historiadores produzem pesquisas nesses espaços até os dias de hoje, desenvolvendo investigações locais, dando mais visibilidade para o continente.

A partir de um levantamento quali-quantitativo, notamos que existem várias poetisas nos países citados acima, uns com uma maior quantidade outros com uma menor. Também observamos que há poetisas que são originárias de um determinado país, mas que migraram para outras regiões ou pelo simples fato de terem pais com nacionalidades diferentes, e isso poderia facilitar o seu estudo ou até mesmo a publicação de suas produções poéticas.

MAPA 1 – Países da África subsaariana de língua francesa



FONTE: Mapa editado por Luana C. de Farias para esta pesquisa

Observando ao longo da história, vimos que a presença das mulheres na literatura sempre foi marcada por preconceitos de raça e de gênero. Viver em uma sociedade fortemente marcada pelo patriarcalismo e por um tratamento marginalizado ao longo do processo androcêntrico de construção da sociedade, fizeram muitas mulheres serem invisibilizadas em diversos espaços. Em um campo em que predominam valores tradicionais arraigados às práticas sociais e culturais, escritoras produzem uma literatura particular, construída para vencer barreiras, denunciar e ultrapassar limites impostos pelo patriarcado.

Diante dessa realidade citada, faz-se necessário ressaltar que as poetisas desses espaços através de suas histórias de vida, possibilitam para nós, leitores, um olhar sensível para o mundo da literatura desse continente, pois com as suas produções poéticas marcadas pela riqueza de elementos e diversidades mostrando uma África rica em detalhes e vivaz. Considerando que nesse capítulo visamos identificar a produção lírica feminina da África “dita francófona” subsaariana, destacamos abaixo as poetisas, seus países de origem e suas obras.

QUADRO 1: Poetisas da África subsaariana de língua francesa

POETISA	ORIGEM	OBRAS
Benim		
Barbara Akplogan (1984)	Benim	<i>Les Mots d'amour</i> , poème. Éditions Flamboyant du Bénin, 2003
Béatrice Lalinon (1962)	Kandi, Benim	<i>Barka : L'ami de Sayouba</i> . Ruisseaux d'Afrique, Bénin, 2011.
Berthe-Evelyne Agbo (1950)	Benim	<i>Emois de femmes</i> (Poèmes, 1980-1982) Sénégal : Les Nouvelles Editions du Sénégal, 1997 (47p.)
Colette Sénami Agossou Houeto (1939)	Porto-Novo, Benim	<i>L'Aube sur les 27actos</i> . Porto-Novo: INFRE, 1981. Poésie
Dominique Aguessy (1937)	Cotonou, Benim	<i>Les chemins de la sagesse, contes et légendes du Sénégal et du Bénin</i> (L'Harmattan). Paris, 1994
Rashidah Ismaili (1941)	Cotonou, Benim	<i>Cantate pour Jimmy</i> (poésie), Africa World Press, 2004
Burkina Faso		
Gaël Koné (1976)	Burkina Faso	<i>Poussière de mots et d'images</i> . Ouagadougou : Découvertes du Bukina/ Editions GTI [Graphic Technic International], 2000. (133p.)
Madeleine de Lallé (-)	Pissin, Burkina Faso	<i>Arc envolé</i> . Abidjan : Edilis, 2006. (40p.). ISBN 2-913942-25-3. Livre d'enfant, Poésie

Monique Iboudo (1959)	Ouagadougou, Burkina Faso	<i>Nyamirambo : recueil de poésie</i> , Le Figuier, 2000, 75 p
Sophie Heidi Kam (1968)	Ouagadougou, Burkina Faso	<i>Pour un asile</i> , Éditions Découvertes du Burkina, Ouagadougou, 2009.
Camarões		
Angeline Solange Bonono (-)	Camarões	<i>Soif Azur</i> . Yaoundé : Editions de la Ronde [B.P. 6627 Yaoundé], 2002 (54p.). ISBN 9956-407-00- 3. Poèmes
Elisabeth Ewombè- Moundo (-)	Douala, Camarões	<i>Le voyage abyssal</i> . Conakry : Les éditions Ganndal, 2002. (64p.)
Marie Claire Dati Sabze (-)	Edéa, Camarões	<i>Les caillots de vie</i> . Yaoundé : Presses Universitaires de Yaoundé, 2001. (161p.) ISBN: 2- 911541-56-1. Poésie.
Marie-Rose Abomo- Maurin (-)	Sangmelima, Camarões	<i>Minkul mi nlem – Epines de mon espoir</i> . Yaoundé : Editions de la Ronde, 2006. (126 p.)
Monique Bessomo (1954)	D'Ekoko, Camarões	<i>Tam-Tam de la Démocratie</i> . Yaoundé : Chez l'auteur, 1996. (52p.). Poésie
Werewere Liking (1950)	Douala, Camarões	<i>On ne raisonne pas avec le venin</i> . Paris : Saint-Germain-des- Prés, 1977.
Chade		
Salma Khalil Alio (1982)	Djamena, Chade	<i>Passion de la pensée</i> . Paris : Editions Le Manuscrit, 2004. (90 p.) Poésie.
Costa do Marfim		
Angèle Bassolé-Ouédraogo (1967)	Abidjan, Costa do Marfim	<i>Burkina Blues</i> . Québec: Humanitas, 2000
Marie-Danielle Aka (-)	Costa do Marfim	<i>Poèmes érotiques de guerre</i> . Paris : L'Harmattan, 2009. (114p.). ISBN : 978-2-296- 06879-7. Poésie.
Tanella Boni (1954)	Abidjan, Costa do Marfim	<i>Il n'y a pas de parole heureuse</i> , ill. Jacques Barthélémy, éditions Le Bruit des autres, 1997.
Gabão		
Chantal Magalie Mbazoo Kassa (-)	Bitam, Gabão	<i>Noir, le sang de ma terre</i> , (poésie) Paris, 1998.
Nadège Noële Ango- Obiang (1973)	Libreville, Gabão	<i>Les chants ultimes des naufragés</i> . Union des Écrivains Gabonais Raponda Walker Service de Coopération de l'Ambassade de France à Libreville. 2000. (60p.)
Peggy Lucie Auleley (1971)	Libreville, Gabão	<i>Rêves d'enfants : Poèmes pour enfants de 5 à 15 ans</i> , La Doxa Éditions, Paris, 2019.

Pulchérie Abeme Nkoghe (1980)	Oyem, Gabão	<i>Croissant de soleil</i> . Liberville : Editions Ntsame, 2010. (60p.). ISBN 978-2-917414-20-0. Poésie
Guiné		
Aïssatou Barry (1959)	Forécariah, Guiné	<i>Univers de femmes</i> . Conakry : Editions Ganndal, 1998. (58p.) Poésie.
Koumanthio Diallo (1956)	Labé, Guiné	<i>Comme les Pétales du Crépuscule</i> . Lomé : Editions La Semeuse-Togo, n.d. [Nouvelle édition en 2000, Castel Edition]
Mali		
Fatoumata Keïta (1977)	Baguinéda, Mali	<i>À toutes les muses</i> , édité par Mandé Éditions
Bernadette Sanou Dao (1952)	Bamako, Mali	« Emeraude » dans <i>Poésie pour enfants</i> Ouagadougou : Ministère de la Culture. Imprimerie Presses Africaines, 1986
Niger		
Hélène Kaziendé (1967)	Niamey, Niger	<i>Les fers de l'absence</i> , Paris, L'Harmattan, coll. « Encres noires », 2011
República do Congo		
Cécile-Ivelyse Diamoneka (1940)	Kinkala, República do Congo	<i>Voix des cascades</i> . Paris: Présence Africaine, 1982. (64p.). Poésie
Clementine Faik Nzujj Madiya (1944)	Tshofa, República do Congo	<i>Le temps des amants</i> , Kinshasa: Editions Mandore, 1969.
Ghislaine Sathoud (1969)	Point-Noire, República do Congo	<i>Pleurs du cœur</i> , Paris, Éditions Expédit, 1995
Marie-Leontine Tsibinda (1958)	Girard, República do Congo	<i>Moi, Congo ou les rêveurs de la souveraineté</i> . Jouy-Le-Moutier (France), Bajag-Meri, 2000,
República Democrática do Congo		
Elisabeth Françoise Tol'ande Mweya (1947)	Kinshasa, República Democrática do Congo	<i>Remous de feuilles</i> . Kinshasa: éditions du Mont noir, 1970
Emilie Flore Faignond (1948)	Kinshasa, República Democrática do Congo	<i>Méandres</i> , Kinshasa, Saint-Paul (imprimerie Saint-Paul), 1995.
Senegal		
Amina Sow Mbaye (1937)	Saint-Louis, Senegal	<i>Petit essai sur la vieillesse</i> suivie de <i>Les Bulles</i> . Saint-Louis du Sénégal: Chez l'auteur, 2007.
Fama Diagne Sène (1969)	Thiès, Senegal	<i>Humanité</i> . Editions Maguilen et Editions Damel, Dakar et Genève, n.d. [2002]
Fatou Ndiaye Sow (1956)	Tivaouane, Senegal	<i>Fleurs du Sahel</i> , Dakar, Les Nouvelles Éditions Africaines du Sénégal, 1990.
Nafissatou Dia Diouf (1973)	Dakar, Senegal	<i>Primeur, poèmes de jeunesse</i> (poésie), Ed Le nègre international, 2003

Ndèye Coumba Mbengue Diakhaté (1924)	Rufisque, Senegal	<i>Filles du soleil: poèmes</i> (em francês). [S.l.]: Nouvelles Editions africaines. 1 de janeiro de 1980
Sokhna Benga (1967)	Dakar, Senegal	<i>La ronde des secrets perdus</i> , Éditions Maguilen, 2003
Togo		
Germaine Kouméalo Anaté (1968)	Kazaboua-Sotouboua, Togo	<i>L'écrit du silence</i> , poésie, Marseille, Les Belles Pages, 2006

FONTE: Quadro elaborado por Luana C. de Farias para esta pesquisa

Neste quadro, é possível perceber a intensidade da produção lírica feminina francófona; mas, também, ressalta o quanto esse cenário precisa ser mais visibilizado, posto que muito embora existam poetisas de renome internacional, tais como Tanella Boni e Clementine Faik Nzuji Madiya, dentre outras, -que destacamos no quadro abaixo-, nenhuma dessas autoras teve sua poética traduzida para o leitor de língua portuguesa, por exemplo, o que limita a divulgação da obra e impede que mais de duzentos milhões de leitores conheçam essa lírica.

Dentre as poetisas aqui identificadas, destacamos abaixo as que obtiveram reconhecimento com prêmios literários. Alguns dos prêmios são o *Prix de l'Excellence Féminin au Bénin* que valoriza a produção poética do Benim; *Lauréate des prix littéraires Naji Naaman*, « *Prix de la créativité* », que incentiva a criatividade das poetisas e o *Grand prix de la poésie* que é aberto para todas as categorias e idades. O nosso intento, com este critério de escolha, é ratificar que de um modo geral os prêmios literários configuram-se em um reconhecimento da obra do autor, o que pode apontar para a qualidade da lírica dessas poetisas. Assim, no quadro abaixo, apresentamos as poetisas que já receberam premiação por sua produção:

QUADRO 2: Poetisas da África subsaariana que receberam premiações

POETISA	ORIGEM	RECONHECIMENTO
Benim		
Béatrice Lalinon (1962)	Kandi, Benim	Prix de l'Excellence Féminin au Bénin en (2002)
Camarões		
Werewere Liking (1950)	Douala, Camarões	Le Prix Noma (2005)
Costa do Marfim		
Angèle Bassolé-Ouédraogo (1967)	Abidjan, Costa do Marfim	Prix Trillium (2004)
Tanella Boni (1954)	Abidjan, Costa do Marfim	Prix Ahmadou-Kourouma (2005)

		Prix international de poésie Antonio Vicarro (2009)
Guiné		
Koumanthio Diallo (1956)	Labé, Guiné	1er Prix de poésie pular (1990)
Gabão		
Nadège Noële Ango-Obiang (1973)	Libreville, Gabão	Grand prix de la poésie (2000)
Peggy Lucie Auleley (1971)	Libreville, Gabão	Prix du concours de Littérature pour la jeunesse (2019)
Mali		
Bernadette Sanou Dao (1952)	Bamako, Mali	1er Prix de poésie pour enfants, Bobo (1986)
República do Congo		
Ghislaine Sathoud (1969)	Point-Noire, República do Congo	Nomination au Gala de Reconnaissance Communautaire (GRC), catégorie « encouragement littéraire ». (2001) Lauréate des prix littéraires Naji Naaman, « Prix de la créativité ». (2008)
República Democrática do Congo		
Elisabeth Françoise Tol'ande Mweya (1947)	Kinshasa, República Democrática do Congo	Le Prix de poésie Sébastien Ngonso en 1967 et le Premier Prix de poésie Mobutu Sese Seko (1972)

FONTE: Quadro elaborado por Luana C. de Farias para esta pesquisa.

É importante destacar que muitas poetisas desses países ainda não foram reconhecidas com alguma premiação, tendo em vista que elas concorrem com outros escritores, aumentando a concorrência entre homem e mulher. O fato de existir escritoras que ainda não foram reconhecidas em salões literários ou em editoras com premiações, não diminui sua produção poética nem o esforço que elas fazem para levar a sua literatura para diversos leitores ao redor do mundo. A partir desta rica produção, selecionamos dois poemas que, sob a nossa ótica, representam a voz da poetisa de língua francesa africana. Assim, escolhemos *L'échelle et*

l'étincelle [A escala e a centelha], de Tanella Boni e *Lianes* [Cipós], de Clementine Faik Nzuji Madiya, que são dois importantes nomes do mundo literário francófono.

Tanella Suzanne Boni é uma escritora marfinense que nasceu em 1954 em Abidjan na Costa do Marfim. Ela realizou os seus estudos primários e secundários na Costa do Marfim. Após obter seu diploma de bacharel, ela estudou em Toulouse e depois na Paris IV em Sorbonne. Ela é Ph.D. em Filosofia e Doutora em Estado de Artes. É professora de filosofia na Universidade Felix Houphouet-Boigny de Abidjan. Ela começou sua carreira literária com uma coleção de poemas *Labirinthy*, publicado pela editora Akpagnon em 1984. A poesia é o seu gênero preferido. Podemos constatar isso em uma de suas falas: “A poesia parece pouco audível para mim, tem sido, ainda está ancorada, em qualquer cultura, um modo privilegiado de expressão também a felicidade como os tormentos da vida em sociedade, as relações entre o humano e a natureza, o humano e Deus, os problemas do mundo”

Clementine Faik Nzuji Madiya nasceu em 1944, em Tshofa, na República do Congo. Professora doutora, ensina linguística, literatura oral, culturas africanas e dirige o Centro Internacional de Línguas, Literaturas e Tradições Africanas do Desenvolvimento (CILTADE), onde continua sua pesquisa nos campos da linguística Bantu geral (incluindo antroponímia e semântica da literatura oral). Suas numerosas publicações científicas estão agrupadas principalmente nos campos da literatura oral, simbolismo africano e interculturalidade, levando a participar de inúmeras reuniões científicas internacionais, a dar inúmeras conferências e a liderar seminários sobre seus temas de pesquisa. Ela é uma das maiores escritoras do universo da literatura francófona. Seu amor pela poesia conduziu ao recebimento do prêmio Léopold Sédar Senghor, no Festival de Poesia de Dakar, em 1969. Ela é poetisa, escritora, filóloga africana e faz importantes contribuições para os estudos da língua e da literatura.

1.3 Tanella Boni e Clementine Faik Nzuji Madiya: líricas de diversidades

Tanella Boni é muito conhecida por trazer uma poética forte e impactante para os seus leitores. Escrever para ela, é muito mais do que pegar o papel e a caneta, é trazer para si e para o outro uma diversidade de sentimentos que, muitas das vezes, tocam, pelas denúncias trazidas em seus escritos, vozes daquelas mulheres que ainda estão no silenciamento.

O poema selecionado se intitula *L'échelle et l'étincelle* [A escala e a centelha], foi publicado em 2017, na antologia *Là où il fait si clair en moi*, Éditions Bruno Doucey, abordando elementos fortes que chamam a nossa atenção, marcando uma escrita característica da escritora, desde o primeiro até o último verso. Faremos uma leitura do poema, observando

os elementos utilizados pela autora. É importante ressaltar que os poemas trazidos não se tratam de uma tradução, mas, de uma versão, para dar um direcionamento ao leitor que não tem acesso à Língua Portuguesa, vejamos:

*L'échelle et l'étincelle*¹²

*Dans le monde des petites choses
Le bon feu ne coûte rien
Il brûle il réchauffe
L'amour vaut tout l'or du monde*

*Allume une étincelle au coin de ton œil
Et traverse le désert vide d'humains
Comme si la vie fleurissait
A toutes portes et fenêtres*

*Pour connaître les règles
Du monde impersonnel
Dont la violence écrase
Ta frêle présence
N'attends pas que la flamme
S'éteigne en toi*

Tanella Boni, *Là où il fait si clair en moi*, p. 90

No poema acima, a autora utiliza elementos indispensáveis na composição do poema. Logo nos primeiros versos, uma sensação de valorização das coisas simples é transmitida. Podemos perceber uma comparação do fogo, que queima e aquece, com o calor do amor, desse sentimento que também aquece e conforta o coração dos aflitos. Ainda falando desse sentimento que é o amor, podemos fazer uma leitura também o comparando ao ouro, pois o ouro para ser moldado e transformado em algo belo, precisa ir ao fogo, em alta temperatura, e além do ouro ter o seu grande valor comercial, o amor tem a sua riqueza preciosa e imensurável. No decorrer da leitura, podemos observar os efeitos ainda ocasionados pelo amor.

Como se o sentimento atravessasse o deserto vazio dos humanos, e florescesse em todos os lugares, o amor tem o poder de tocar os sentimentos mais íntimos e mudar os dias de alguém. É possível realizar uma leitura rica nos últimos versos. Como um tipo de alerta, que nos traciona para a realidade, o amor divide o espaço com a violência cujos desertos vazios dos humanos

¹² A escala e a centelha/ No mundo das pequenas coisas/ O bom fogo não custa nada/ Ele queima ele aquece/ O amor vale todo o ouro do mundo/ Ascende uma centelha no canto do teu olho/ E atravessa o deserto vazio dos humanos/Como se a vida florescesse/

mencionados anteriormente, multiplicam a maldade na Terra.

Esse sentimento central que é trazido pela autora nos possibilita uma reflexão bem crítica a respeito do ‘amor’ e do que esse sentimento pode proporcionar se cultivado na sociedade. Com uma sensibilidade impecável, a autora nos permite pensar até mesmo sobre simples ações descritas no poema, possibilitando um olhar cauteloso para a nossa sociedade e para nós mesmos.

O poema *Lianes* [*Cipós*], de Clementine Faik Nzuji Madiya resulta de um cruzamento de várias fontes de inspiração, nas quais a poetisa se baseia, tais como as emoções mais profundas e sinceras, onde triunfam a imagem da mulher, amante, mãe e esposa. Clementine Faik Nzuji Madiya, em grande parte de produção, utiliza elementos que impactam e encantam o leitor, revelando, por vezes, uma trajetória de vida do povo africano, chamando-nos a atenção para fatos tidos como de pouca importância.

A escritora de maneira sutil através dos seus versos, traz uma beleza ao revelar-se na leitura. Os elementos selecionados dão um tom de vida e harmonia, mesmo ao utilizar um léxico que surpreenda os leitores. O poema selecionado neste estudo foi publicado na antologia poética *Lianes*, em 1971, pelas *Éditions du Mont Noir* e traz um misto que combina tons de melancolia e suavidade:

*Lianes*¹³

*A la chute des feuilles
j'avoue ma crainte
De voir cette Mort
qui déshabille les arbres
Le bruit des feuilles qui tombent
s'accordent aux cadences de mon cœur
Car les pas inattendus de l'Innommable
précèdent aussi mes gestes
Que l'on me pleure déjà
dis-je
je suis plus morte que vive*

Clementine Faik Nzuji Madiya, *Anthologie de la poésie d'Afrique noire d'expression française*, p.191

O poema retrata, desde o início, o contraste entre a vida e a morte, de forma serena, levando-nos à leitura da “Morte” como um processo natural do ciclo da vida, mas que, evidentemente, causa assombro. Compara-se o som das folhas caindo, à cadência, *s'accordent*

¹³ **Cipós** / Na queda das folhas / eu confesso meu medo / De ver esta Morte / que despe as árvores/ O barulho das folhas que caem/ Harmonizam-se às cadências do meu coração/ Porque os passos inesperados do Indizível/ precedem também meus gestos/ Que já me chorem/ Digo/ estou mais morta do que viva.

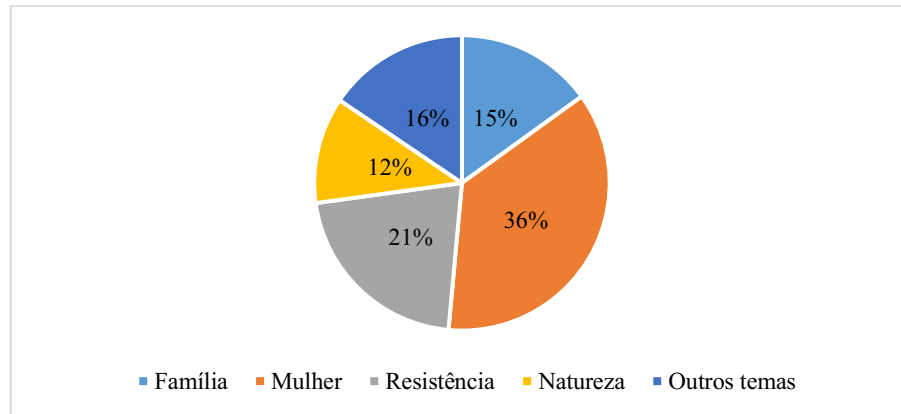
aux cadences de mon cœur ou seja, à cadência, causando os desalentos do coração. Nos versos seguintes, o eu-lírico apresenta de modo subjetivo que suas ações se assemelham ao indizível, o inesperado que assola e causa temor, despertando um sentimento de inquietude e certeza, que logo no final, se diz já está chorando, ou sem demora, mais morta do que viva.

Entrando um pouco mais no poema, faz-se uma ponte com a história de vida das mulheres da África subsaariana. Parece-nos haver uma ligação muito forte a cada verso escrito, com pensamentos de mulheres que viveram momentos de escravidão, desolação e tristeza. Evidentemente, essa ligação é trazida desde o título, com *Lianes*, que são tão próximos, misturados, juntos que traduzem essa forte ligação. Tanto em *L'échelle et l'étincelle*, quanto em *Les lianes*, o tom estético da lírica dessas poetisas é indiscutível; o belo está presente nos versos que misturam sentimentos que contrastam como morte e vida.

Esses dois poemas apenas representam a força da lírica dessas mulheres que conseguem romper um espaço que, historicamente, é masculino. Outrossim, é preciso dizer que elas escrevem em um espaço em que a mulher, ainda nos dias de hoje, não tem reconhecimento. Os muitos outros poemas aqui apresentados (*cf.* quadro 1) também guardam uma lírica sublime e firme, ressaltando a impactante poética dessas mulheres.

Enfocamos aqui a voz da mulher na história literária e onde e quais são os meios de comunicação que se propagam essas obras. Através de um levantamento, pudemos observar e coletar os mais diversos veículos de disseminação dessas obras. Tais sites como *Africultures – Les mondes en relation; Apela - L'Association pour l'étude des littératures africaines; Babelio; BNF – Bibliothèque Nationale de France; La Plume Francophone; Le Printemps des Poètes* entre outros meios de divulgação, trazem diversas escritoras e suas obras, alguns abordam documentários e entrevistas. Mesmo com a exploração desses sites e blogs, constatamos uma frágil divulgação acerca da produção dessas poetisas.

Ao observarmos as temáticas mais recorrentes na produção poética das escritoras da África subsaariana, notamos serem aquelas que giram em torno do papel ativo da mulher e de sua forma de enxergar as mais diversas situações que envolvem a sua rotina. O relacionamento interpessoal e com a natureza também são trazidos em suas poesias de uma maneira riquíssima. Temáticas como religião, racismo, identidade e lutas sociais podem ser encontradas nas obras das escritoras, trazendo reflexões importantes nos dias de hoje. No gráfico abaixo, trouxemos de maneira mais concisa o equivalente às porcentagens as temáticas mais recorrentes na produção poética das escritoras:



FONTE: Gráfico elaborado por Luana C. de Farias para esta pesquisa

Em nossas leituras, notamos que as escritoras abordam essas temáticas através dos prismas do tempo e da cultura, oferecendo uma série de pontos de vista, sobre questões da vida e busca pela reafirmação do seu papel como mãe, esposa, amiga e mulher. Muitas dessas obras ressaltam como as tradições e seus mais diversos temas ainda estão presentes no contexto atual. Muitas poetisas desenvolveram seu lugar na comunidade e em sua vida pessoal, possibilitando uma presença mais ativa nesses espaços.

Analisando a literatura produzida nesses países da região da África subsaariana, comprovamos que ela traz uma cultura que reflete a antiga história de um continente tão rico e diversificado, tendo as suas raízes no movimento denominado negritude, como inspiração as revoltas de caráter anticolonialista, já que as obras foram escritas após a independência das colônias africanas, baseadas na realidade dos governos totalitários e as suas revoluções.

As literaturas dessas escritoras, apresentam vozes de mulheres que atravessam o tempo, a história e os espaços geográficos, onde consideram uma variedade de gêneros literários que inicialmente podem ter sido produzidos em diversas línguas africanas, embora para terem uma visibilidade em suas produções, muitas escritoras migraram dos seus países de origem para publicarem em língua francesa, pois, em muitos casos, eram ameaçadas de morte e muitas perseguidas (até hoje ainda são) por denunciarem, por resistirem e lutarem pelos seus direitos e pelos direitos de outras mulheres.

Dessa forma, repertoriar as poetisas de língua francesa desses países, dá margem para explorarmos outras que ainda estão à margem da cena literária proporcionando, assim, um maior conhecimento pelos outros leitores e pesquisadores. Tanto as escritoras até aqui já apresentadas, como as poetisas das regiões do Magrebe e do Machreck que abordam, também, uma literatura rica e cheia de diversidade.

CAPÍTULO 2:

A LÍRICA FEMININA DOS PAÍSES DA REGIÃO DO MAGREBE E DO MACHREK AFRICANO DE LÍNGUA FRANCESA

Pensar nas poetisas que produzem literatura por esses espaços francófonos, nos faz refletir sobre a quantidade de mulheres que escrevem para terem as suas vozes ouvidas; daquelas que rompem o mito de que a mulher deveria limitar-se ao silenciamento ou à sombra de seu cônjuge. Essas mulheres através da escrita assumem seu papel na sociedade, assim, Gontard (2005): “Pegando a caneta, a mulher se liberta dos mitos e assume o olhar sobre o mundo enquanto ator e testemunha social em contato com a História e o tempo.”¹⁴ (GONTARD, 2005, p.13). Daí, portanto, a necessidade de visibilizar as poetisas do mundo africano “francófono” concedendo a ampliação do nosso conhecimento no mundo literário.

Partindo do contexto histórico mais amplo, observa-se que a mulher escritora tem enfrentando diversos obstáculos para alcançar o seu reconhecimento no mundo literário (ZOLIN, 2009). Através de muitas dessas produções, podemos notar uma emancipação feminina, rompendo silêncios históricos, partilhando vozes e posicionando-se diante da sociedade ainda muito arraigada nos costumes patriarcais. Muitas dessas escritoras se despem de sua realidade, de seu próprio nome, utilizando pseudônimos para terem suas obras publicadas e alcançadas por leitores diversos pelo mundo.

Tendo como base pesquisas anteriores PIVIC (2015-2020), observamos que muitas escritoras, através de inúmeras temáticas, como família, educação, maternidade e sexualidade retratam verdadeiramente a incumbência de transmitir o prazer e o fardo de escrever. Por esse viés, Adler e Bollman (2017) destacam:

Elas são as que escrevem. E aquelas que escrevem são criadoras de línguas. Uma mulher que escreve não é uma contrabandista de línguas, uma contrabandista de palavras, uma provedora de significado, uma caçadora que coloca em sua bolsa de jogo algumas novas formas. Uma mulher que escreve é a criadora de um universo, uma semeadora de desordem, uma pessoa que se coloca em risco e que ignora o perigo, tanto que sua tarefa exige isso, uma pessoa que inventa a língua, sua linguagem, nossa linguagem. (ADLER; BOLLMAN, 2017, p. 8)¹⁵

O argumento acima põe em destaque o quanto o ato de escrever é emblemático para uma mulher, pois escrever é, por certo, criar; e, levando-se em conta o espaço de criação, esse

¹⁴ En prenant la plume, la femme se libère des mythes et assume son regard sur le monde en tant qu'acteur et témoin social en prise avec l'Histoire et le temps. (GONTARD, 2005, p.)

¹⁵ Elles, ce sont celles qui écrivent. Et celles qui écrivent sont de créatrices de langues. Une femme qui écrit n'est pas une passeuse de langue, une contrebandière de mots, une pourvoyeuse de sens, une chasseuse qui met dans sa gibecière quelques formes nouvelles. Une femme qui écrit est la créatrice d'un univers, une semeuse de désordre, une personne qui se met en risque et qui ignore le danger, tant sa tâche la requiert, une personne qui invente la langue, sa langue, notre langue. (ADLER; BOLLMAN, 2017, p. 8)

pode até ser visto como uma transgressão criadora. Através do contexto histórico-social dos países das regiões em estudo, a mulher escritora pode também produzir uma literatura militante, que defende o seu valor e o seu espaço no cenário literário. Escrever, muitas das vezes, é uma atividade de prazer, libertação e resistência. Assim, “Escrever para mim, é recusar-se a bastar-me de mim.”¹⁶ (BENCHEKRON, 2005, p. 23). Escrever unicamente por ser mulher, por fazer tornar-se claro o seu papel na cena literária. Para ressaltar a importância de ser mulher, propagar e perpetuar a cultura do seu povo, a sua língua e a sua história.

2.1 A riqueza das diferenças contidas nas produções poéticas das Áfricas de língua francesa

Partindo dos países da região do Magrebe, a produção lírica das escritoras é, sem dúvidas, rica em diversos aspectos. A literatura magrebina de língua francesa é um lugar de contato com culturas intensas, retratadas, por certo, nas produções poéticas das escritoras. Diversas produções dessas mulheres, considerando-se que muitas utilizaram e ainda utilizam pseudônimos para denunciarem a sociedade patriarcal na qual viviam situações temerárias e para exporem as suas experiências, podemos notar isso através das temáticas mais recorrentes em suas produções poéticas.

Muitas temáticas abordadas pelas autoras são sobre a pré- e pós-colonização, onde podem denunciar comportamentos a respeito da submissão da condição de mulher ao homem. Muitas relatam sobre as suas culturas marcadas pelo colonizador, por uma quase ausência de identidade, bem como da procura pela afirmação de nação. Quando estabelecemos uma leitura comparativa quantitativamente, identificamos que na região do Machrek, há um número menor de poetisas de expressão francesa, se compararmos com a região do Magrebe. Nos países dessa região, há outras línguas que também são faladas e escritas, como o árabe e outros dialetos presentes na sociedade. De certa forma, perpassam pelos mesmos temas, como maternidade, infância e juventude, bem como a repressão social e silenciamento feminino.

Em se tratando dos países da África subsaariana, estes não se distanciam muito dos temas nas produções das poetisas das regiões do Magrebe e do Machrek. Há uma presença muito forte no que concerne ao período da colonização; mas, também, como os povos lidaram com esse marco na história. No que diz respeito ao papel da mulher, as escritoras tratam de uma maneira necessária de ser observada. Muitas poetisas utilizam em suas produções líricas, poemas com metáforas e alegorias que ressaltam a força da mulher, delineando um espaço em

¹⁶ *Écrire pour moi, c’est refuser de me suffire de moi.* (BENCHEKRON, 2005, p. 23).

que convida o povo à luta, que motiva as mulheres a reivindicarem o seu espaço na sociedade. O corpo da mulher é celebrado, trazendo aspectos de fertilidade e de afeto, abordando também, a repressão e domínio do homem sobre este mesmo corpo, anulando a intimidade e desejo feminino.

As produções das poetisas dos países da África subsaariana se destacam pela questão de como as mulheres são retratadas nas antologias. As poetisas escrevem o contexto patriarcal, onde as mulheres ocupam um espaço de silenciamento, tendo apenas a função de procriarem, cuidarem dos filhos e da família. A essência feminina abordada pelas duas grandes regiões do Magrebe e do Machrek e da região ao sul do Saara assemelham-se nas diferentes culturas. O corpo da mulher é posto por aspectos reais, como a menstruação, a gestação e o aleitamento, trazido em muitos poemas, refletindo a beleza presente nas antologias.

2.2 Mulheres que escrevem para resistir

A região africana que conhecemos por Magrebe, situada no Norte da África é composta por cinco países mais o Saara Ocidental, que luta pelo seu reconhecimento como país, são eles: Argélia, Líbia, Tunísia, Marrocos e Mauritânia. O Saara Ocidental e a Líbia não têm a língua francesa como língua oficial, embora exista a possibilidade de falar a língua francesa em diversos espaços sociais ou por questões de fronteira, a língua oficialmente é a Língua Árabe.

Seguindo um dos objetivos da nossa pesquisa, fazer um mapeamento da produção poética das autoras de língua francesa das Áfricas, fizemos também um levantamento qualitativo nos países dessa região do Magrebe. Pudemos observar que existem muitas poetisas que abordam reflexões importantes sobre a mulher inserida nessa sociedade patriarcal, compartilhando diversas culturas e religiões. Notamos que nos países dessa região, existe uma produção poética bem diversa, já que outras línguas também são faladas, enriquecendo a cultura e a literatura local.



FONTE: Mapa editado por Luana Costa de Farias para esta pesquisa

Se observarmos pelas lentes da História, desde o período colonial, -na região em estudo- as mulheres sempre atravessaram por dificuldades mais diversas (TOURAINÉ, 2006, p.15), dificuldades essas, que resultam na falta de igualdade de direitos que duram até os dias de hoje. A mulher ainda luta pelo seu lugar na sociedade, mesmo que isso pareça ser inalcançável, assim, Lamrabet (2011) “Seria importante lembrar aqui que a desigualdade entre mulheres e homens permanece universal, dado que, em graus variados, transcende todas as sociedades e culturas e que a igualdade em escala global continua sendo um ideal inalcançado.” (A. LAMRABET, 2011, p.23)¹⁷

O período colonial trouxe muitas marcas para as famílias e, então, muitas mulheres tiveram suas vozes caladas por muito tempo, sendo subalternizadas em seus lares vivendo em uma sociedade majoritariamente patriarcal. Muitas delas relatam suas experiências a fim de denunciarem e fazerem conhecidas as suas histórias de vida. Acompanhar o marido em todas as direções era lei. Assim, Lihamba et al., (2010) afirmam: “A história das mulheres africanas é, em parte, uma história de migração. As mulheres africanas são atravessadas por uma multidão de montanhas, vales, desertos, às vezes ao lado de seus homens, às vezes sozinhas, mais em sofrimento do que em alegria.” (LIHAMBÁ et al., 2010, p.57)¹⁸

Ao analisarmos um pouco mais sobre os temas escolhidos pelas poetisas, veremos que

¹⁷ Il serait important de rappeler ici que l'inégalité entre les femmes et les hommes reste une donnée universelle qui, à degrés variables, transcende toutes les sociétés et toutes les cultures et que l'égalité à l'échelle mondiale reste encore un idéal. (A. LAMRABET, 2012, p.23)

¹⁸ L'histoire des femmes africaines est, en partie, une histoire de migration. Les femmes africaines ont traversé une multitude de montagnes, de vallées, de déserts, parfois aux côtés de leurs hommes, parfois seules, davantage dans la souffrance que dans la joie ». (LIHAMBÁ et al., 2010, p.57)

quase sempre elas abordam vivências reais, sejam elas de migração ou exílio de seus lugares de origem, sem ao menos poderem dar sua opinião. Fazendo uma ponte com o nosso país, podemos identificar também, muitas mulheres que saíram de suas casas, de seus estados de origem, com os seus filhos, muitas vezes sozinhas, para tentarem uma vida melhor em outro lugar, a exemplo da migração interna entre as cidades menores do Brasil para os grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, muitas das vezes, acompanhadas de seus maridos, submetidas ao silenciamento.

Com a visão nessa realidade, levamos em consideração que a nossa pesquisa visa identificar a produção lírica feminina dos países das regiões do Magrebe e do Machrek, então, procedemos a um levantamento, exposto no quadro abaixo, trazendo, então, as escritoras e seus países de origem ao lado de suas produções líricas. Diante dos dados identificados, verificamos poetisas dos países da região do Magrebe e do Macherek:

QUADRO 4: Poetisas dos países da região do Magrebe

POETISA	ORIGEM	OBRAS LITERÁRIAS
Argélia		
Anna Greki (1931-1966)	Batna, Argélia	<i>Des chèvres noires dans un champ de neige ? (Anthologie de la poésie algérienne contemporaine)</i> , édition enrichie, <i>Bacchanales</i> , n° 52, Saint-Martin-d'Hères, Maison de la poésie Rhône-Alpes, 2014.
Assia Djebar (1936-2015)	Cherchell, Argélia	<i>Poèmes pour l'Algérie heureuse</i> , 1969
Beïda Chikhi (-)	Batna, Argélia	<i>Tarocco</i> , suite poétique, 12x2, <i>Poésie contemporaine des deux rives</i> , Alger-Marseille, 2007
Fadéla Chaïm- Allami (-)	Alger, Argélia	<i>Diwan du silence mugissant</i> (recueil poétique), Publibook, Paris, 2009 ; <i>Ode aux errants. Dédicace au pays</i> suivie de <i>Fragmentaires ou la Muraille de Chine est si près</i> (poèmes), éd. Les Xérogaphes, Paris, 2016
Maïssa Bey nom de plume de Samia Benameur (1950)	Ksar el Boukhari, Argélia	<i>Sahara, mon amour</i> . Éd. L'Aube, 2005 (photos O. Nekkache)
Marylise Ben Haïm (1928-2001)	Alger, Argélia	<i>Sur le chemin de nos pas</i> , L'Harmattan, Paris, 1984 ;

		<i>Au carrefour des sacrifices</i> , L'Harmattan, Paris, 2000 ; <i>Le soleil assassiné</i> , L'Harmattan, Paris, 2002
Nassira Belloula (1961)	Aurès, Algérie	<i>Les Portes du Soleil</i> , éditions Enal, Alger, numéro d'éditions, 1988 ; <i>The Gates Of The Sun</i> , traduction de <i>Les Portes du Soleil</i> , éditions Rafar, Alger, 2010
Rabhi Zohra alias Safia Ketou (1944-1989)	Ain Sefra, Algérie	<i>Amie cithare</i> (Poésie) – Naaman, Sherbrooke
Samira Negrouche (1980)	Alger, Algérie	<i>Triangle : Poésies en traduction</i> , Alger: Alpha, 2009
Mauritânia		
Marième Mint Derwish (1964)	Nouakchott, Mauritanie	<i>Mille et un Je</i> . Éditions 15/21, Nouakchott, 2014.
Kadiata Sall (1951)	Aéré M'Bar, Mauritanie	<i>Almoudo mon frère</i> , Éditions MA, Mauritania, 1986.
Marrocos		
Jamila Abitar (1969)	Marrakech, Marrocos	<i>L'Aube sous les dunes</i> , éditions L'Harmattan, Paris, 2001 ; <i>À Marrakech, derrière la Koutoubia</i> (recueil de poèmes), &ditions Alfabarre, 2012.
Maria Zaki (1964)	El Jadida, Marrocos	<i>Voici défait le silence</i> , Paris, Société des écrivains 2006, réed. Edilivre 2009 ; <i>Entre ombre et lumière</i> , Paris, Edilivre 2007 ; <i>Et le cheval se relève</i> , Paris, Edilivre 2009.
Rim Battal (1987)	Casablanca, Marrocos	<i>Vingt poèmes et des poussières</i> , éditions Lanskine, 2015 ; <i>Latex</i> , éditions LansKine, 2017.
Soumya Ammar Khodja (1955)	Casablanca, Marrocos	<i>Entrelacs</i> , revue de poésie n°9, 1999 ; <i>Aubes Orantes</i> , poèmes, Marsa, 2001 ; <i>Les tas de mots</i> , revue d'expression poétique n°14, Les tas de mots, automne 2013.
Siham Benchekroun (-)	Fès, Marrocos	<i>A toi</i> , poèmes (édition bilingue), Casablanca, Empreintes Edition, 2000, 82 pages.

Touria Ikbal (-)	Marrakech, Marrocos	<i>A l'orée du temps, Poèmes en correspondance</i> , de Touria Ikbal et Chantal Legendre, Éditions la Souris, Grenoble 2010 ; <i>Oasis - Poèmes en correspondance</i> , de Touria Ikbal et Chantal Legendre, bilingue, arabe et français, Éditions de la souris, mars 2012.
Tunísia		
Amina Saïd (1953)	Tunis, Tunísia	<i>Le Corps noir du soleil</i> , éd. Rhubarbe, Auxerre, 2014 (couverture et calligraphie de Hassan Massoudy)
Marie Louise Taos Amrouche (1913-1976)	Tunis, Tunísia	<i>Le Grain magique</i> , recueil de contes et de poèmes, éditions François Maspéro, 1966 ; éditions de la Découverte, 1996.
Najette Ouerghi (1949)	Téboursouk, Tunísia	<i>Amours proches et lointaines</i> : recueil de poésie, N. Ouerghi, Tunisie, 2003.
Souâd Guellouz (1937)	Ariana, Tunísia	<i>Comme un arc-en-ciel</i> , Tunis, Arabesques, 2003, 105 p.

FONTE: Quadro elaborado por Luana C. de Farias para esta pesquisa.

Essa região também fica localizada ao norte do continente africano. Os países que compõem a região do Mackrek são: Egito, Iraque, Síria, Líbano, Jordânia e Palestina (esses dois últimos estão localizados em parte do continente da Ásia Ocidental). O nome significa “levante” e designa a parte oriental do Mundo Árabe complementar ao Magrebe ou “poente”. A língua falada na maior parte desses países também é a Língua Árabe, mas, existem poetisas que produzem literatura em língua francesa, como veremos mais à diante.

Fizemos, também, um levantamento quali-quantitativo nos países dessa região do Machrek. Notamos que o número de poetisas nessa região é um pouco reduzido, isso acontece pelo fato da língua francesa não ser a língua oficial de todos os países. É interessante observar que mesmo apesar desse fato, encontramos poetisas que produzem literatura em língua francesa, abordando temas interessantes de serem lidos.

MAPA 3 – Países da região do Machrek



FONTE: Editado por Luana C. de Farias para esta pesquisa.

Observamos que a literatura produzida nesses locais emerge de sociedades ainda arraigadas nos costumes patriarcais, principalmente, se vemos que a religião é algo muito presente e de grande importância para os povos moradores dessas regiões. Muitas poetisas ousam ao escrever e isso é, sem dúvidas, um dado muito importante de pesquisa, pois passam por cima daquilo que as silenciam, revelando uma literatura conquistadora.

Acerca das poetisas dos países da região do Macherek de língua francesa, notamos que, aparentemente, não há muitas. Muito embora haja um número reduzido dessas produções poéticas, averiguamos que elas abordam temáticas de experiências de vida e do cotidiano. Todavia, em alguns sites e blogs, há uma certa dificuldade em encontrá-las, pois, muitas poetisas não são conhecidas, impossibilitando, o recolhimento de dados:

QUADRO 5: Poetisas dos países do Macherek

POETISA	ORIGEM	OBRAS LITERÁRIAS
Egito		
Andrée Chedid (1920-2011)	Cairo, Egito	<i>Cavernes et soleils</i> . Paris: Flammarion, 1979, 169p. Poésie.
Doria Ragai Shakif (1908 – 1975)	Tanta, Egito	<i>La Bonne aventure</i> . Paris, P. Seghers, 1949, 34 p. Poésie.
Líbano		
Etel Adnan (1925)	Beyrouth, Líbano	<i>Ce ciel qui n'est pas</i> , Poésie, Paris, L'Harmattan, 1997.

Ezza Agha-Malak (1942)	Tripoli, Líbano	<i>Entre deux battements de temps</i> , Technopress, Beyrouth, 1992 ; <i>Petits poèmes pour un Grand Homme</i> , Beyrouth, Éditions du Roy, 2005 ; <i>Mes Villes Mes Amours Mes Solitudes</i> , Éditions Dergham Beyrouth, octobre 2011.
Hyam Yared (1975)	Beyrouth, Líbano	<i>Blessures de l'eau</i> , Beyrouth, Éditions Dar An-Nahar, 2004, 91 p.
Nadia Tuéni (1935-1983)	Baakline, Líbano	<i>Poèmes pour une histoire</i> , Seghers, 1972 ; <i>Liban : vingt poèmes pour un amour</i> , Beyrouth, 1979.
Ritta Baddoura (1980)	Deir-el-Qamar, Líbano	<i>Ici désert : des rives du Niger au large du Ténéré</i> , Dergham, 2010
Vénus Khoury-Ghata (1937)	Bcharré, Líbano	<i>Au Sud du silence</i> , poèmes, Saint Germain des Prés, 1975; <i>Fables pour un peuple d'argile</i> , suivi de <i>Un lieu sous la voûte</i> et de <i>Sommeil blanc</i> , poèmes, Belfond, 1992; <i>Le Livre des suppliques</i> , poèmes, Mercure de France, 2015
Síria		
Maram al-Masri (1962)	Lattaquié, Síria	<i>L'Amour au temps de l'insurrection et de la guerre - Anthologie de la poésie syrienne d'aujourd'hui</i> , trad. de Maram Al-Masri, Montreuil, Le Temps des cerises, 2014, 160 p. ; <i>La Robe froissée</i> , éd. bil., Paris, Éditions Bruno Doucey, coll. « L'Autre langue », 2012, 88 p.

FONTE: Quadro elaborado por Luana C. de Farias para esta pesquisa.

Observando o quadro acima, notamos que não existe um número similar de poetisas de língua francesa em cada país, pois deve-se levar em consideração as oportunidades que muitas conseguiram ao publicar suas obras em sites ou blogs. Isso diz muito sobre a visibilidade que muitas não têm, tornando difícil o levantamento desses dados. Diante disso, percebemos o quanto esse cenário da escrita feminina precisa ser mais visto, pois através dele, pode ampliar o conhecimento dos leitores.

A partir do levantamento desses dados, selecionamos as poetisas que já receberam

algum tipo de reconhecimento público por suas produções literárias, tanto da região do Magrebe como da região do Machrek:

QUADRO 6: Poetisas que receberam premiações

POETISA	ORIGEM	PREMIAÇÕES
Região do Magrebe		
Assia Djebar (1936-2015)	Cherchell, Argélia	Élue membre de l'Académie Française (2005)
Maïssa Bey nom de plume de Samia Benameur (1950)	Ksar el Boukhari, Argélia	Grand Prix de la nouvelle de la Société des gens de lettres (1998) ; Prix Marguerite Audoux ; Prix Cybèle (2005) ; Grand Prix du roman francophone SILA (2008).
Nassira Belloula (1961)	Aurès, Argélia	Le Prix Kateb Yacine pour le meilleur roman français dont le titre est <i>Terre des femmes</i> (2016)
Ahlam Mostaghanemi (1944)	Rabat, Marrocos	Prêmio pela fundação <i>Nour pour la créativité féminine</i> (1996)
Maria Zaki (1964)	El Jadida, Marrocos	Prix Gros Sel du Public du roman à Bruxelles (2009) ; Prix Naji Naaman de Créativité à Beyrouth (2013) ; Prix des écrivains valaisans en Suisse (2013) ; Prix de Poésie du Bureau Culturel de l'Ambassade d'Égypte à Paris (Festival de la Diversité Culturelle-UNESCO) (2015).
Amina Saïd (1953)	Tunis, Tunísia	Le Prix Jean-Malrieu (1989) ; Le Prix Charles-Vidrac de la Société des gens de lettres en (1994); Le Prix International de Poésie Antonio Viccaro (Marché de la poésie)

		(2004).
Região do Machrek		
Andrée Chedid (1920-2011)	Cairo, Egito	Prêmio de Goncourt de la poésie (2002)

FONTE: Quadro elaborado por Luana C. de Farias para esta pesquisa.

Diante desses dados é necessário apontar para a produtividade das poetisas, configurando-se também um momento para se refletir sobre o impacto dessas obras na vida de outras mulheres, haja vista que por vezes, a poética é igualmente voz partilhada. É importante ressaltar que há um número significativo de poetisas no Magrebe, sobretudo, quando comparamos ao número das poetisas da região do Macherek, destacando-se, portanto, a poética dessas escritoras. Muitas, através de suas experiências, escrevem utilizando temáticas do cotidiano, da vida, do amor e da mulher. Por esse prisma, pode-se afirmar que a produção é mais numerosa, facilitando, assim, a sua catalogação em livros, sites e blogs.

A partir do quadro que apresentamos acima, podemos notar que, de um modo geral, as poetisas se fazem presentes nesses espaços literários. Produzir literatura para essas poetisas é mais do que simplesmente escrever. É ouvir o ritmo que a poesia toma, é sentir a emoção transmitida em cada verso, levando os leitores a observarem cada detalhe abordado por elas. Diante da vasta produção poética das grandes regiões ao norte da África aqui trazidas, selecionamos dois poemas, de duas das poetisas identificadas; pois, acreditamos que através desses escritos, elas transmitem um sentimento peculiar, muito característicos de suas obras. Assim, escolhemos *À toi [À você]* de Siham Benchekroun e *Nous avons rêvé [Nós sonhamos]*, de Amina Saïd.

Siham Benchekroun é uma escritora marroquina, romancista, poetisa, jornalista, ativista formada em medicina. Pioneira no jornalismo médico marroquino fundou o primeiro grupo de imprensa marroquino especializado em saúde, ocupando os cargos de editoralista e diretora de publicações. A escritora também se interessou pela conservação do patrimônio oral e publicou em 2013 a coleção intitulada *Contes de Tétouan*, contos folclóricos antigos do norte do Marrocos, onde os textos coletados na antiga língua local foram traduzidos para a língua francesa. O livro intitulado *L'héritage des femmes. Réflexion pluridisciplinaire sur l'héritage au Maroc* foi publicado em 2017 e traduzido para as línguas árabe, inglesa e francesa, abordando a história vivida no Marrocos. A marca de feminismo em suas obras está relacionada ao fato de a escritora lidar de modo bastante intenso com a relação homem / mulher na sociedade marroquina.

Amina Saïd é uma poetisa franco-tunisianana, contadora de histórias, jornalista e tradutora. Ela publicou inúmeras coleções de poemas e dois livros que reúnem contos da Tunísia. Seus poemas foram traduzidos para vários idiomas, incluindo espanhol e inglês e são apresentados e divulgados em várias revistas e antologias de literatura. A descoberta da obra do grande escritor filipino F. Sionil José, membro fundador do *Pen Club das Filipinas*, a levou a traduzir sete das suas obras (contos e principalmente romances) para o inglês. Sua escrita é dividida em duas partes: imagens delicadas em palavras simples, imagens opacas em palavras luminosas, e a sua poética repleta de suas culturas e suas viagens. A última antologia de poemas intitulada *Dernier visage avant le noir* foi publicada em 2020, trazendo uma poesia tocante. A sua linguagem aparenta ser simples, escapando de qualquer classificação, revelando-se, desse modo, a sua beleza poética.

2.3 Siham Bencheckroun e Amina Saïd: vozes poéticas

O poema selecionado de Siham Bencheckroun é o renomado “*À toi*”, que foi publicado em 2000, em uma coletânea de poemas, (*Empreintes-Édition*). O poema nos instiga a perceber o que seja uma declaração de amor, observando a beleza lírica ecoando em cada verso. Assim, faremos uma leitura do poema, observando os elementos trazidos pela poetisa:

*À toi*¹⁹
en me donnant à toi
je me rencontre enfin
car il faut ton amour
pour que je naisse au monde
j'ai besoin de tes bras
pour apprendre à marcher
besoin de t'écouter
pour savoir m'entendre
besoin de te parler
pour me comprendre
tu es ce qui me manque
pour être moi

Siham Bencheckroun , *A toi*, p.82

¹⁹ Para ti/ entregando-me a ti/ porque preciso do teu amor/ para que eu nasça no mundo/ preciso dos teus braços/ para aprender a caminhar/ preciso te escutar / saber como me ouvir/ preciso falar contigo/ para me compreender/ és o que me falta/ pra ser eu

Em uma primeira leitura, é possível perceber no poema selecionado que em toda a extensão da obra o eu-lírico traz certa angústia do sentimento de falta. Logo nos primeiros versos, o eu-lírico nos faz notar o quanto pode estar sendo dolorosa essa vida, sem esse amor, que ao nosso ver, aparenta ter em suas mãos o total controle da situação. A dor de um amor não compreendido ou não correspondido faz com que no decorrer do poema, o leitor sinta a sensação de clamor ao ser amado.

A autora utiliza elementos importantes em sua construção, fixando-nos a uma ideia concreta de necessidade como: entregando, finalmente, necessário e preciso. Outras palavras que atraem a atenção do leitor são os verbos: encontrar, nascer, aprender, falar e entender, pois, dão continuidade à clareza e à afirmação do eu-lírico sem rumo e sem direção, enquanto o ser que lhe traz a harmonia da vida não estiver por perto ou eu-lírico o possui com todo o seu amor.

O poema que segue, de Amina Saïd, é intitulado *Nous avons rêvé*, que foi publicado em 2006, em uma antologia poética, (*Édition La Différence*). O poema surpreende desde o primeiro verso, trazendo elementos marcantes e de observação imprescindíveis:

*Nous avons rêvé*²⁰

*un séjour sans violence sur la terre
une musique brûle les mots de nos matins
mortels
le murmure impénétrable des astres se perd
dans une douleur
nous avons rêvé
un séjour sans violence sur la terre
un enfant se balançait entre lunes et soleils
nous avons conjugué l'oubli et la forme
ancienne d'un pays
un corps prenait visage à la lumière de
toujours*

Amina Saïd, *Au présent du monde*, (2006, p. 15)

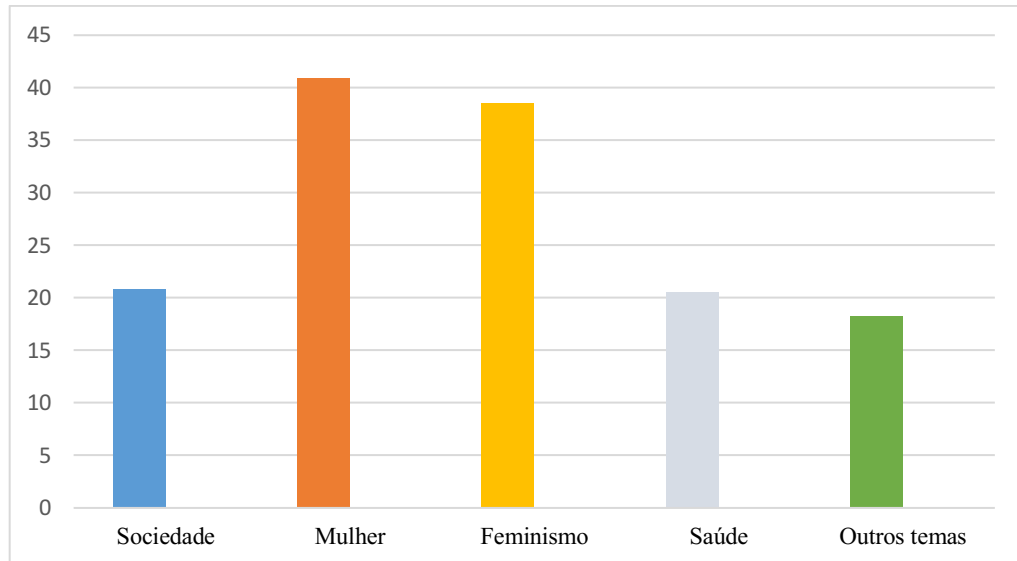
É possível observar no poema acima, detalhes que permitem ao leitor perceber o diferencial da poética contemporânea, pela voz de Amina Saïd. O eu-lírico parece retratar um

²⁰ Nós sonhamos/ uma estada sem violência sobre a terra/uma música queima as palavras de nossas/manhãs mortais/o murmúrio impenetrável dos astros se perde em uma dor/nós sonhamos/uma estada sem violência na terra/uma criança se balançava entre luas e sóis/nós combinamos o esquecimento e a antiga forma de um país/um corpo tomava o rosto à luz de /sempre

sonho, como de esperança em meio à dor e ao caos vivido, o que poderia nos trazer à memória, vislumbres de um país sem esperança. Os elementos da natureza como terra, manhãs e astros são utilizados de forma suave e impactante. Os versos trazem uma sincronia, no que diz respeito a “sonhar sem violência na terra” e “uma criança se balança entre luas e sóis”, traz uma imagem ao leitor de esperança, de inocência e de futuro. A poetisa faz uso de um léxico de sentidos fortes que trabalham com a questão poética e da sensibilidade no poema, impulsionando um sentido próximo do leitor, já que utiliza elementos de vivência cotidiana.

Assim como no capítulo anterior, fizemos um levantamento dos sites e blogs que divulgam as produções poéticas das escritoras dos países das regiões do Magrebe e do Machrek de língua francesa, sendo estes *Lecteur.com*; *Catalogue Général*; *Revue Litteraires et Culturelles*; *Soumbala*; *Revue Plurielles*; *Poezibao – L’actualité éditoriale de la poésie*; *La Maison des écrivains et de la littérature*; *Mauri Femme*; *Jeune Afrique* entre outros meios de divulgação, contendo diversos livros, bem como, entrevistas e documentários. Embora exista uma certa dificuldade em localizar as obras de algumas escritoras, podemos notar que na maioria dos sites existem outros links que levam para páginas de livrarias que dão acesso à compra do livro, caso o leitor queira.

Ao observarmos as temáticas mais recorrentes na produção poética das escritoras das regiões do Magrebe e do Machrek, encontramos uma semelhança, pois, abordam muitas questões sociais como religião e saúde. A mulher, sem dúvidas, é uma das temáticas mais cruciais das poetisas. Falar do papel da mulher ou de como a mulher se comporta na sociedade em que vive, é um dos pilares das produções poéticas. A família, como fonte de proteção e sabedoria, também é bem trazida, visto que o seio familiar tem um peso muito importante para elas. No gráfico abaixo, trouxemos de maneira mais concisa o equivalente às porcentagens as temáticas mais recorrentes na produção poética das escritoras:



FONTE: Gráfico elaborado por Luana C. de Farias.

A partir desses dados, notamos que as poetisas abordam muitas temáticas interessantes. Através dessa literatura produzida nesses espaços de língua francesa, podemos ter um olhar mais sensível sobre essas regiões, principalmente quando se trata de regiões onde a mulher tem um espaço muito restrito na cena literária. Podemos dizer que a literatura dessas escritoras, é uma literatura de resistência, porque mesmo em meio aos mais diversos conflitos existentes na sociedade, conflitos esses pela liberdade e visibilidade da mulher, a literatura tem esse papel de mostrar a realidade em que elas vivem, abordando temáticas que trazem à tona as diferenças ainda existentes nas sociedades patriarcais.

Assim, fazer um levantamento das poetisas de língua francesa nos encoraja para continuarmos avançando, observando cada obra produzida por elas. Através dos mapeamentos feitos até o presente momento desta pesquisa, observamos que existe um campo muito vasto a ser pesquisado e divulgado, e isso, de certa forma, nos impulsiona para investigarmos outras regiões como faremos adiante, passaremos para os países insulares de língua francesa. Identificaremos uma poética de diversidades nas produções literárias dessas mulheres, que nos permitirão divulgar a riqueza em detalhes desses espaços marítimos.

CAPÍTULO 3:**A PRODUÇÃO POÉTICA DAS ESCRITORAS DE LÍNGUA FRANCESA
DE PAÍSES INSULARES AFRICANOS**

As regiões insulares são consideradas muito ricas pelo simples fato de serem lugares vividos e moldados pela experiência e história humana, abordando uma infinidade de representações utilizadas na literatura como temas ou ficções. As produções literárias das escritoras oriundas desses espaços insulares ilustram a riqueza das paisagens das Ilhas, tornando mais vivas as memórias e as identidades marítimas. Segundo Trabelsi (2005) “A percepção da ilha não é apenas uma função das peculiaridades de suas realidades geográficas, mas segue a semântica e a sintaxe de nosso imaginário.”²¹ (TRABELSI, 2005, p. 6)

O imaginário literário é de fato estruturado pelo próprio espaço da ilha, entre o exótico e o novo, entre a totalidade autônoma e a realidade desenhadas no arquipélago. Segundo Currel (2014), desde os tempos mais antigos até os dias de hoje, a Ilha foi considerada como um espaço geográfico privilegiado e um lugar propício para uma literatura abundante, onde o real e o imaginário se confundem. Existem muitos estudos sobre a diversidade nesses espaços, tanto geográficos e literários, abordando reflexões sobre as Ilhas.

Ao explorarmos os documentos sobre essas regiões em diferentes épocas, encontraremos uma variedade de escritos, como contos de viagens, romances e poemas, cartões postais das mais diversas Ilhas. Segundo Meistersheim (2001) muitos escritores reproduziam as nuances das Ilhas, contempladas por um espaço utópico, com figuras menos positivas ou desconhecidas ou exóticas tais como Ilhas de prisão ou Ilhas labirinto. Isso chamava a atenção dos pesquisadores e os atraíam para averiguar as Ilhas.

3.1 A produção literária insular de língua francesa

As escritoras que produzem literatura nesses e sobre esses espaços insulares trazem em seus escritos a riqueza de diversos temas, ultrapassando obstáculos encontrados em uma sociedade ainda majoritariamente patriarcal. Através de suas obras, revelam de forma sutil a beleza dessas regiões marítimas em contos, romances, peças de teatro e poesias. Essa produção literária nos traz uma reflexão acerca do imaginário associado às ilhas e continentes, da descrição de imagens nelas contidas e de uma literatura ficcional. Dessa forma, Moniz et al., (2014, p.5) afirmam:

Todas as traduções deste relatório são de nossa autoria, salvo menção contrária. Em todos esses textos, as ilhas aparecem como "depositárias dos tesouros da memória do imaginário.", como um poderoso repertório de imagens, um catalisador do imaginário e uma sutil embreagem ficcional. Em

²¹ La perception de l'Île n'est pas seulement fonction des particularités de ses réalités géographiques, mais suit la sémantique et la syntaxe de notre imaginaire. (TRABELSI, 2005, p. 6).

todo caso, como motivos, eles transcendem o status puramente decorativo, induzindo sempre em algum lugar a definição identitária a partir da narrativa. (MONIZ et al., 2014, p. 5)²²

As poetisas oriundas dessas regiões insulares de língua francesa escrevem não só para mostrar as imagens das ilhas, mas, também, para que sejam conhecidas pelos leitores ao redor do mundo. É, ao que parece, nessa dialética entre Aqui e Outro Lugar, Identidade e Alteridade, que devemos tentar definir o que está em jogo nessa literatura de língua francesa, a fim de tentar compreendê-la. Refletindo a respeito da produção literária dessas mulheres, notamos que vários temas giram em torno de suas obras, mas, um dos mais visíveis é a ilha. Dessas ilhas surgiram uma literatura inspirada no mar que as rodeia, ligada à identidade de ser mulher inserida no contexto histórico desses países.

Podemos encontrar na poética dessas mulheres os inúmeros desafios, o silêncio e a invisibilidade ainda presentes na cena literária. Ao retomarmos Perrot (2017), observamos que por intermédio dessas obras, as escritoras trazem reflexões interessantes que atravessam centenas de gerações, possibilitando um novo levantamento da história das mulheres, resgatando suas memórias e experiências. Isso faz com que haja um enriquecimento importante para a literatura escrita em língua francesa produzida nos países insulares.

3.2 Além-mar: uma literatura rica produzida por mulheres

A África Insular de língua francesa é formada pela República de Maurício²³, República de Madagascar (maior ilha do continente), República das Seychelles²⁴; Ilha da Reunião, União das Comores, sendo estes dois últimos considerados DOM (*Département d'outre mer* - departamento ultramarino). Existem muitas línguas faladas nesses países, e isso contribuiu, sem dúvida para o enriquecimento cultural das regiões.

As Ilhas, desde muito tempo até os dias atuais, foram lugares atraídos pelo turismo e pela sua rica diversidade natural. A variedade de animais nas florestas e a beleza dos mares atraíam dezenas de pessoas. Muitos historiadores habitavam as regiões marítimas a fim de

²² Dans tous ces textes les îles apparaissent comme les « dépositaires des trésors de la mémoire de l'imaginaire. », comme un puissant répertoire d'images, un catalyseur d'imaginaire et un subtil embrayeur fictionnel. En tous cas, en tant que motifs, elles transcendent le statut purement décoratif en induisent toujours quelque part la définition identitaire à partir du récit (MONIZ et al., 2014, p. 5).

²³ Não há uma língua oficial definida por leis locais. Há aproximadamente 1,35 milhões de habitantes das quatro ilhas que formam este país falam crioulo mauriciano, francês e inglês. <http://ile-en-ile.org/ocean-indien/>

²⁴ Victoria é a capital com cerca de 95 mil habitantes que falam inglês, francês e crioulo de Seychelles, as três línguas oficiais do país.

fazerem registros como fotos e documentários, em primeira mão, e divulgar nos jornais e revistas locais. Isso enriqueceu muito o comércio local e a divulgação dessas regiões para outros países. Muitos se interessavam por esse exótico espaço banhado pelo mar e desfrutavam produzindo literatura.

MAPA 4 – Países insulares de língua francesa



FONTE: revista.icasei.com.br/mapa-ilhas-maurício/editado por Luana C. Farias para esta pesquisa.

Observando a produção literária das Ilhas, notamos que há uma literatura multilíngue, pois, existem muitas outras línguas (crioulo, malgaxe e hindi) que são faladas nesses espaços geográficos. Se olharmos pela ótica dos países colonizados, veremos que a língua francesa é falada e utilizada, desde muito tempo, possibilitando a expansão da literatura nessas regiões marítimas.

Ao considerarmos esses espaços marítimos de língua francesa, observamos serem lugar de minorias e, nesse contexto, dirigimos o nosso olhar para as literaturas produzidas nesses espaços, enfocando, particularmente as poesias produzidas pelas mulheres. No quadro abaixo, catalogamos as poetisas e repertoriamos algumas de suas obras:

QUADRO 7: Poetisas dos países insulares de língua francesa

POETISA	ORIGEM	OBRAS LITERÁRIAS
Literatura malgache		
Esther Nirina (1913-2004)	Madagascar	<i>Silencieuse respiration</i> , Órleans : J.J. Sergent, 1975, 10 p. Poesia
Saïd Kharidah (1951-2020)	Mahajanga, Madagascar	<i>Le passager du jardin Cayla ou la fin tragique d'un frère</i> , Madagascar, 1980.
Literatura mauriciana		
Ananda Devi (1957)	Trois-Boutiques, Ilhas Maurício	<i>Les longs désir</i> . Paris : Gallimard, 2003. Poesia
Eugénie Poujade (1814-1881)	Port-Luis, Ilhas Murício	<i>Les Parfums de la vie, la poésie...</i> , Paris: impr. de Alcan-Lévy, 1868
Jeanne Gerval Arouff (1936-2015)	Mahébourg, Ilhas Maurício	<i>Je t'offre ma terre</i> . Rose-Hill : Éditions de l'océan Indien, 1990. Poesia
Marie-Aimée de Kermorvan (1904-1985)	Curepipe, Ilhas Maurício	<i>Choix de poésies</i> , Points et Contrepoints, poèmes, 1978, Éditions Brochés.
Literatura reunionesa		
Anne Cheynet (1938)	Saint Denis, Ilha da Reunião	<i>Matanans et Lagoutis</i> , Saint Denis : Presse REI, 1972
Catharine Boudet (1968)	Saint Denis, Ilha da Reunião	<i>Résiliences</i> . Paris : L'Harmattan, 2007. Poesia
Claire Karm (1958)	Toulon, França	<i>Au danseur du feu pas</i> , Saint-Denis : Édition. UDIR, 1983 Poesia.
Julienne Salvat (1932)	Fort-de-France, Martinica	<i>Tessons enflâmés</i> , Technopress, Saint-Denis : Édition. UDIR, 1993 Poesia
Monique Agenor (1940)	Saint Denis, Ilha da Reunião	<i>Comme un voile de papagn'</i> . Paris : Le Serpents a Plume, 1998.
Literatura de seicheles		
Magie Faure-Vidot (1958)	Mahé, Ilhas Seicheles	<i>L'Oasis des mots</i> , Victoria, Edisyon Losean Endyen, 2016.

FONTE: Quadro elaborado por Luana Costa de Farias, para esta pesquisa.

Diante desses dados, podemos perceber que existem diversas escritoras nas regiões insulares que produzem literatura vinda dos mais diversos lugares marítimos. Embora constatemos que há um número maior de poetisas em um país do que em outro, isso nos possibilitou descobrir novos espaços literários localizados nessas regiões. Isto é, sem dúvidas, os dados desta pesquisa são de grande importância, pois, permitem se vislumbrar outros universos da poética de língua francesa para os seus leitores que ainda não conhecem tal literatura.

Existem duas escritoras, Claire Karm, nascida na França e Julienne Salvat, da Martinica que contribuíram muito para a literatura reunionesa. Claire Karm publicou diversos poemas relativos à Ilha da Reunião, “sua ilha de adoção” como ela mesmo afirma. Isso enriqueceu a produção poética e divulgou a sua paixão pela ilha na qual vive até os dias de hoje. Julienne Salvat morou na Ilha da Reunião por muitos anos e desenvolveu a sua carreira como escritora, produzindo poemas e peças teatrais relativas à ilha em que vivia, contribuindo muito, também, para a literatura dessa região marítima.

No quadro abaixo, selecionamos as poetisas que concorreram com poetas de língua francesa e que ganharam alguma premiação pelas suas obras publicadas, seja pelo valor estético ou pela qualidade da escrita:

QUADRO 8: Escritoras que receberam premiações

ESCRITORA	ORIGEM	PREMIAÇÕES
Literatura malgache		
Michèle Rakotoson (1948)	Antananarico, Madagascar	Grand prix de la francophonie (2012)
Literatura mauriciana		
Ananda Devi (1957)	Ilhas Maurício	Prix Louis-Guilloux, pour <i>Le sari vert</i> . (2010); Prix du Rayonnement de la langue et de la littérature française, de l'Académie française. (2014) ; Prix Ouest-France Étonnants Voyageurs 2018, pour <i>Manger l'autre</i> . (2018)

Marie Thérèse Humbert (1940)	Quadre Bomes, Ilhas Maurício	Grand Prix des lectrices d'Elle, pour <i>À l'autre bout de moi.</i> (1980) Prix Terre de France, pour <i>Un fils d'Orage.</i> (1992)
Nathacha Appanah (1973)	Mahébourg, Ilhas Maurício	Prix Anna de Noailles de l'Académie française, pour <i>Tropique de la violence.</i> (2017) Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres (France). (2017) Prix du Roman Métis, pour <i>Tropique de la violence.</i> (2017)
Literatura reunionesa		
Catharine Boudet (1968)	Saint Denis, Ilha da Reunião	Grand Prix de poésie Joseph Delteil pour <i>Les laves bleues [Calligraphie des silences].</i> (2012) Prix Fetkann! de poésie pour <i>Bourbon Hologramme.</i> (2013)
Julienne Salvat (1932)	Fort-de-France, Martinica	Prix littéraire de la ville de Saint-Cyr – Outremers, pour <i>Fleurs en terre volcanique</i> (2015)
Maryvette Balcou (1969)	Côtes d'Amour, Bretânia	Finaliste (catégorie fiction) au Salon du livre Insulaire d'Ouessant, Entrée libre. (2000) Mention spéciale du Grand prix littéraire des Océans indien et pacifique de l'ADEF, pour <i>Le raccommodeur de poussières.</i> (2009)
Monique Agenor (1940)	Saint Denis, Ilha da Reunião	Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres. (2001)

		Auteure invitée, International Writers' and Translators' Centre, Rhodes (Grèce) (2007)
--	--	--

FONTE: Quadro elaborado por Luana Costa de Farias para esta pesquisa.

Neste quadro acima, observamos que há duas escritoras que não são oriundas das Áfricas insulares de língua francesa. O fato de essas escritoras serem consideradas nesta pesquisa, refere-se à sua mudança para o país, influência na vida política e social, bem como uma grande contribuição e enriquecimento da literatura local. Como podemos notar no quadro acima, as escritoras ganharam premiações que são de renomes, e por sinal, muito concorridas no âmbito literário, como por exemplo, o *Grand prix de la francophonie*, para escritores de países francófonos a nível internacional; o *Prix Ouest-France Étonnants Voyageurs*, que oferece aos jovens leitores a oportunidade de se tornarem jurados literários; e o *Prix littéraire de la ville de Saint-Cyr – Outremers*, com o propósito de valorizar a literatura desse espaço, entre muitas outras premiações.

Diante desses dados, vemos o quanto as mulheres vêm ingressando no espaço literário, embora ainda haja um número menor de mulheres (se compararmos aos homens) que escreverem, exercem outras profissões, são professoras, filósofas, jornalistas, médicas, advogadas, embaixadoras e fundadoras de diversos espaços que levantam a bandeira em favor da luta pela mulher.

3.3 Ananda Devi e Julienne Salvat: uma literatura de imagens, imaginário e ficção

A poesia está presente na vida das escritoras desde muito tempo. A escolha dos temas no ato da escrita vai muito além do simples ato de escrever. Passar para os leitores os mínimos detalhes, a rima, o ritmo da poesia, com as suas pausas e leituras inconfundíveis. A poesia envolve sem precedentes, arranca lágrimas e sorrisos. As poetisas dessas regiões insulares escrevem de forma gigantesca, avassaladora e acalentadora, um verdadeiro jeito de envolver a leitura.

Percebemos que as escritoras dos países insulares, onde a língua francesa tem espaço como língua de escrita, além de outros status político-linguísticos, vêm conquistando o seu espaço na cena literária. Diante da vasta produção dessas escritoras, selecionamos dois poemas, de duas escritoras, pois, cremos que eles revelam um sentimento peculiar em cada verso escrito.

Assim, escolhemos: *Ceux du large* [*Aqueles que afundam*] de Ananda Devi e *Jeux de lémuriens* [*Jogos de lêmures*] de Julienne Salvat.

Julienne Salvat nasceu em Fort-de-France (Martinica) e agregou muito para as Letras Modernas. Foi professora de francês, primeiro na Martinica e em Bordeaux, depois em Saint-Denis de la Reunião de 1965 a 1992. Além de sua carreira de professora, dedicou-se ao teatro (distribuição, encenação) e poesia. Ela era membro da Sociedade Francesa de Poetas do Oceano Índico, fez campanha pela cultura da reunião dentro das associações UDIR (União para a Defesa da Identidade da Reunião) e ARCC (Associação Reunião de Comunicação e Cultura), animando eventos poéticos e literários. Salvat com uma escrita exigente e densa, utilizava temas cativantes em suas produções literárias. Com um amor particular pela poesia, a autora sabia utilizar os elementos que enriqueciam os seus versos, como o amor pela liberdade, pela vida e pela literatura.

Constatamos assim, Julienne Salvat e Ananda Devi, duas escritoras com importantes atuações na sociedade. As atividades que elas desenvolvem, geram um retorno muito positivo, pois, o exemplo de garra e força para transformar o espaço em que vivem. É notável que elas inspiram outras poetisas, divulgando suas obras pelos espaços onde passam. Observamos que há um empoderamento presente na vida dessas mulheres, tanto em suas produções literárias, como nos papéis sociais desenvolvidos por elas ao longo dos anos.

Ananda Devi é uma escritora mauriciana, doutora em antropologia social e tradutora profissional. Sensível ao entrelaçamento de identidades e idiomas, ela explora com grande empenho diversos personagens humanos e seus múltiplos universos, em um espaço insular que não é menos analisado do que recriado. Devi escreve com seu estilo incisivo, lírico e penetrante, oferece à língua francesa novas dimensões culturais e linguísticas ligadas à sua ilha de origem (MEDJO, ISSUR, 2017, p.). As obras da autora são trágicas e poéticas. Assombradas por questões de exclusão, alteridade, luta e sofrimento, ela denuncia o clima sufocante de uma sociedade com múltiplos compartimentos. Pela força e violência das palavras, ela se opõe a qualquer forma de rejeição e oferece um verdadeiro compromisso do imaginário da Ilha pelo reconhecimento da alteridade.

O poema selecionado de Ananda Devi é intitulado *Ceux du large* foi publicado em 2017, em uma coletânea de poemas (Éditions Bruno Doucey). O poema nos faz notar uma noção de tristeza e de vazio, embora haja elementos bem fortes que envolvem através de uma declamação forte pelo eu-lírico:

*Ceux du large*²⁵

*Le ventre alourdi la gorge étranglée
 La voix inerte les mains éteintes
 Tu lui tournes le dos mais aucun soleil
 Ne sera pareil ni aucune pluie
 L'espace vide qui t'attend
 Ne porte en lui aucun miracle
 Tu détachés tes pieds de la boue
 Et tu marches*

Ananda Devi, *Ceux du large*, p.5

O poema escolhido é um dos mais conhecidos da autora, sendo o único poema traduzido em três idiomas (inglês, francês e crioulo - traduzidos pela própria autora), desperta uma atenção no leitor no momento de sua leitura, trazendo elementos da ilha. Nos versos do poema, logo no início, podemos visualizar um ar pesado pela falta de esperança, com um silenciamento de um eu-lírico solitário. Na leitura dos versos, aparecem os elementos da natureza como o sol e a chuva, trazendo uma sensação de vida. Por fim, “tirar os pés da lama e caminhar”, traz um eu-lírico forte em busca de sair de onde está, para alcançar um lugar melhor, outros horizontes onde haja vida e esperança. Entre os versos do poema, a autora aborda sutilmente a peregrinação dos refugiados, de todos os seres que fugiram da terra onde viviam para tentar chegar a outra margem, carregados de esperança.

O poema a seguir, de Julienne Salvat, intitulado “*Jeux Lémuriens*”, foi publicado em 2017, em uma antologia poética. A leitura do poema nos chama a atenção, pois traz elementos fortemente ligados a sentimentos de vida, morte e tristeza logo nos primeiros versos:

*Jeux Lémuriens*²⁶

*Recluse
 en solitude asséchée
 de ses désirs de ses déserts
 gouvernante
 sait la mort à l'affût et la flèche au lait de
 curare lent.*

²⁵ Aqueles que afundam/ O ventre pesado a garganta estrangulada/ A voz inerte as mãos desligadas/ Tu viras as costas mas nenhum sol/ Será igual, nem chuva nenhuma/O espaço vazio que te espera/ Não carrega nele nenhum milagre/ Retiras teus pés da lama/E caminhas

²⁶ Jogos de lêmure/ Recluso/ em solidão seca/ de seus desejos de seus desertos/governanta/ sabe da morte à espera e a flecha com lento leite de curare/ Tendo conquistado o mar há tempos, sua loucura espalhou suas velas/ há tempos sonhado um braseiro em água selvagem/Apenas roçadas as ilhas ainda virgens/ só ela traça seu rastro à avessas/ Seguindo o destino à título de asa em fuga/ Ora, deixando de definir muito longe, ela deriva/ subtraída corpos e bens/ naufragada em espera

*Gagné le large longtemps sa folie a déployé
ses voiles
longtemps rêvé un brasier en eau sauvage
A peine frôlées des îles vierges encore
seule elle trace son sillage à rebours
Poursuivi le destin à tire d'aile a fui
Or cessant de languir au loin très loin elle
dérive
soustraite corps et biens
naufragée en attente
devinant l'éclair et la boue au couchant de
son étoile.*

Julienne Salvat, *Odeurs cafrines*, p. 12

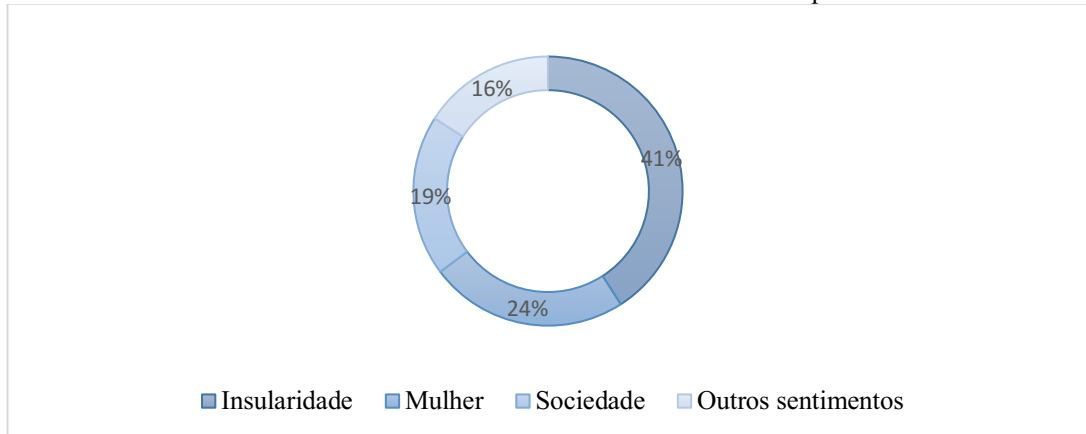
No poema lido, podemos perceber que a autora utiliza elementos da natureza para constituir o poema. Palavras como solidão e seca, desejo e deserto, morte e tempo, fazem o eu-lírico refletir sobre a situação em que ele se encontra. A ilha é trazida de forma bela para autora, mostrando também, a riqueza da sonoridade contida em cada verso. Notamos que o poema acima traz nos versos elementos como mar, velas, água, ilhas, à deriva, naufrago e lama. Isso reforça que existe um rico imaginário pelos espaços insulares, valorizando ainda mais as suas produções literárias.

Assim como nos dois outros capítulos, fizemos um levantamento dos sites e blogs que divulgam as produções poéticas das escritoras dos países insulares de língua francesa, sendo estes *La reunion des livres*; *Le bar à poèmes*; *LITAF – Littérature Africaine Francophone*; *Île en île* (um dos mais importantes sites de divulgação); *Celebration of Women Writers e Lézard et Murmures*; entre outros meios de divulgação, contendo diversas reportagens, bem como, documentários, livros e entrevistas. Notamos que existe uma certa dificuldade em encontrar algumas obras literárias das poetisas, tornando inacessível algumas pesquisas sobre elas.

Diante do que averiguamos nessa pesquisa, podemos dizer que existem muitas escritoras nos países insulares de língua francesa que produzem uma literatura de alta qualidade e que através da abordagem de temas que exploram a ilha de maneira belíssima, convida o leitor para uma aproximação dos detalhes originários desses espaços geográficos. Ao observarmos as temáticas mais recorrentes na produção poética das poetisas dos países insulares de língua francesa, encontramos diversos temas ligados as ilhas, religião e sociedade. Também foram abordadas temáticas que relacionam mulher e feminismo.

Notamos que as imagens marítimas são um dos temas centrais das produções das poetisas, reafirmando assim, a beleza dessa poética:

GRÁFICO 2: Temáticas mais correntes nas obras das poetisas



FONTE: Gráfico elaborado por Luana C. de Farias para esta pesquisa.

Diante dos dados aqui trazidos, notamos que as escritoras abordam muitas temáticas presentes na sociedade em que vivem, refletindo significativamente em suas produções poéticas. O fato de ter a ilha como uma das temáticas mais presentes, nos faz observar como a beleza da ilha e a história de vida de seus habitantes são abordadas e exploradas pelas poetisas. As paisagens são descritas com a riqueza de detalhes ao utilizar as cores para enfatizar a natureza dessas regiões como por exemplo, o azul do mar ou o verde da vegetação da floresta.

Outra questão importante é como o contexto de migração e êxodo das ilhas também são trazidas nas obras poéticas. Muitas famílias migram de suas regiões mais afastadas da zona urbana para tentarem uma vida melhor nas capitais ou nas cidades mais populosas das regiões marítimas e, sem dúvidas, a mulher como o centro dessa trajetória levando seus filhos ou guiando os seus pais e avós. Discutir as temáticas abordadas por elas, nos faz refletir até mesmo sobre a nossa sociedade, sobre como existem mulheres que também migram de suas regiões com seus familiares, exercendo diversas funções em seus lares, e isso não é diferente se comparamos com o nosso país.

CONCLUSÃO

Acreditamos que pesquisas como esta podem fortalecer e divulgar a produção poética das escritoras dos países e regiões em estudo. Embora existam investigações nas áreas de literatura de língua francesa, não identificamos muitas em alguns países aqui estudados. Observamos que se faz necessário aprofundar esses estudos a fim de visibilizar as poetisas na cena literária, destacando-se o quanto se faz muito importante, principalmente para nós, enquanto mulheres e pesquisadoras. Ampliar o conhecimento sobre essa produção poética nos fez refletir e admirar a grandeza dessas produções literárias que têm ultrapassado obstáculos ainda vivenciados na sociedade em que estão inseridas.

Assim, este presente trabalho buscou refletir sobre a produção poética da África subsaariana de língua francesa; das poetisas da região do Magrebe e Machrek, bem como das poetisas dos países insulares de língua francesa, ponderando, assim, a sua importância para a nossa sociedade. Diante das diversas leituras e considerações acerca das mulheres escritoras no âmbito da francofonia, demos início às reflexões propostas. A partir dessa pesquisa e de outras realizadas anteriormente (PIVIC/CNPq-2011-2020), acreditamos ser uma grande contribuição para os estudos de escrita feminina, que produzem literatura ao redor do mundo, principalmente, nos espaços africanos de língua francesa.

Diante das reflexões sobre a produção poética das escritoras de língua francesa, respondendo ao nosso primeiro objetivo específico: verificar, no âmbito da francofonia, qual o lugar quali e quantitativo da poetisa dos países da África subsaariana de língua francesa, Magrebe e Machrek e dos países insulares de língua francesa, podemos dizer que identificamos uma vasta produção poética, em suas mais diversas riquezas de temas e formas.

Partindo inicialmente da África subsaariana, observamos que existe uma diversidade na produção literária. Os países aos quais identificamos com produção poética são: Benim (6); Burkina Fasso (4); Camarões (6); Chade (1); Gabão (4); Senegal (6); Guiné (2); Mali (2); Niger (1); República do Congo (4); República Democrática do Congo (2); Senegal (6) e Togo (1), totalizando 44 poetisas.

Na região do Magrebe, identificamos uma vasta produção poética. Os países foram: Argélia (6); Mauritânia (2); Marrocos (6) e Tunísia (4), totalizando 21 poetisas dos países dessa região. Contrapondo a região, no Machrek, identificamos os países: Egito (2); Líbano (6) e Síria (1). Totalizando 9 poetisas. Observamos que nem todos os países dessas regiões possuem produções poéticas em língua francesa, pois, existem outras línguas presentes e oficiais e isso influencia a escolha da poetisa no ato da escrita, bem como na divulgação de suas obras.

Na região dos países insulares, identificamos uma vasta produção literária também, são eles: Ilha de Madagascar (2); Ilhas Maurício (4); Ilha da Reunião (5) e Ilhas Seicheles (1), totalizando 12 poetisas. Não localizamos nenhuma poetisa nas Ilhas Comores, isso também é um dado de pesquisa, pois, o acesso aos sites de divulgação dessas obras é muito escasso, dificultando a localização de mais informações dessas regiões marítimas.

Diante desses dados, pudemos averiguar que mesmo havendo um número maior/menor de poetisas de uma região para outra, levamos em consideração que existem diversos fatores que contribuem para que essa poética chegue ou não até as editoras e/ou sites de bibliotecas de seus países. Muitas poetisas se mudam para outras regiões próximas ou até mesmo para a França, haja vista que muitas escritoras migraram de seus países de origem para divulgarem as suas obras.

No que concerne ao nosso segundo objetivo específico: identificar os principais espaços (imprensa e/ou virtuais) de divulgação dessa produção poética feminina, constatamos que existem sites que contêm entrevistas e documentários sobre as escritoras, bem como sites de vendas das obras. Vale ressaltar que muitos dos sites que encontramos não têm dados suficientes, dificultando o acesso às informações sobre as poetisas, como data e local de nascimento ou obras mais recentes. Muitas poetisas possuem blogs pessoais ou redes sociais como *Instagram* e *Facebook*, facilitando a comunicação; no entanto, identificamos que há outras que não as possuem ou tais redes estão desativadas, pois, sofrem algum tipo de violência ou perseguição por denunciarem através de suas palavras, situações intoleráveis em sua sociedade. De modo geral, percebemos que as escritoras vêm ganhando espaço em sites e blogs, isso nos mostra o quanto é necessário e positivo para a divulgação dessa produção poética, possibilitando assim, o seu reconhecimento e valorização das obras.

Respondendo ao nosso último objetivo específico sobre as temáticas mais recorrentes nas produções poéticas das escritoras em estudo, podemos dizer que as temáticas das poetisas são semelhantes, embora sejam de espaços diversos, pois, abordam a questão da mulher na sociedade, saúde, sentimentos diversos, família, religião e natureza são bem trazidas nas antologias, observamos também, temas relacionados a vivências, denúncias, sociedade, feminismo e insularidade. As antologias das poetisas são ricas em diversidades no fazer poético, mesmo quando, aparentemente, os temas que abordam sejam semelhantes. O fato de escreverem para públicos distintos possibilita um maior alcance de leitores ao redor do mundo. Notamos, assim, uma pluralidade de poemas presentes nas obras, enriquecendo a literatura produzida nesses espaços de língua francesa.

Pesquisas como essa nos trazem diversas reflexões a respeito do lugar da mulher na

literatura. Olhar ao longo da história e perceber que muitas estiveram à margem da cena literária e que hoje, saem do véu do desconhecido é de grande importância e satisfação para nós, pesquisadoras, principalmente quando nos colocamos no lugar dessas poetisas que possuem uma literatura rica, mas que precisa ser divulgada e valorizada.

Vale reforçar aqui, mais uma vez, que é necessário que haja pesquisas como essa que investiga, cataloga e divulga essa produção poética oriunda dos países estudados. É indispensável que o leitor de língua francesa também tenha uma sensibilidade para conhecer e apreciar essa poética produzida por essas mulheres, assim, podemos ter a esperança de que, pelo menos, no meio acadêmico, as históricas diferenças entre homens e mulheres, poderá ser menos visível.

REFERÊNCIAS

ADLER, Laure; BOLLMANN, Stefan. *Les femmes qui écrivent vivent dangereusement*. Paris. Flammarion, 2017.

ALLOUACHE, Ferroudja. Réflexions à propos des littératures dites “francophones”. *Revista Letras Raras*. v. 1, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2012. p. 17-28.

BENCHEKROUN, Siham. *A toi*, poèmes (édition bilingue), Casablanca, Empreintes Edition, 2000.

BOISSERON, Bénédicte ; EKOTTO, Frieda. *Voix du monde*. Nouvelles Francophones. Presses Universitaires de Bordeaux : Pessac, 2011.

BONI, Tanella. *Là où il fait si clair en moi*. Bruno Doucey, Paris, 2017.

BRAHIMI, Denise. *Langue et littératures francophones*. Ellipses Éditions Marketing : Paris, 2001.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*. <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf> acessado em 08.01.2020

DEVI, Ananda. *Ceux du large*, recueil en version trilingue, Éditions Bruno Doucey, 2017.

DOUCEY, Bruno. *Outremer – Trois océans en poésie* (en collaboration avec Christian Poslaniec), Paris. Éditions Bruno Doucey, 2011.

DOUCEY, Bruno ; NIMROD ; POSLANIEC, C. *120 nuances d’Afrique*. Paris. Éditions Bruno Doucey, 2017.

DUARTE, Constância de Lima. 2003. *Feminismo e Literatura no Brasil*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 81-90.

GIORDANI, Mário Curtis. *História da África anterior aos descobrimentos*. Rio de Janeiro, Vozes, 2010.

GONTARD. Marc, *Le récit féminin au Maroc*. Presses Universitaires de Rennes, 2005.

KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

JOUBERT, Jean-Luis. *Petit guide des littératures francophones*. Nathan. Paris, 2006.

LAMRABET, Asma. *Reconsidérer la problématique des femmes et de l'égalité en islam*. La Découvert, Paris, 2012.

LIHAMBA, Amandina., MOYO Fulata L., MULOKOZI M.M. et SHITEMI Naomi L. *Des femmes écrivent l'Afrique - L'Afrique de l'Est*. Karthala. Paris, 2010.

MATATEYOU, Emmanuel. *Comment enseigner la littérature orale africaine*. L'Hamattan, Paris, 2011.

MATESO, E. Locha. Mateso, *Anthologie de la poésie d'Afrique noire d'expression Française*. Hatier, Paris, 1986.

MEDJO, Jean-Claude Abada. ; ISSUR, R. Kumari. *Ananda Devi : aperceptions aux abords d'un imaginaire en expansion*. Revue Mosaiques, 2017.

MONIZ, A. Isabel, FARIA, D.; COELHO, L.; ALMEIDA, J. Domingues. *L'île: images, imaginaires et fiction*. Universidade do Porto: Faculdade de Letras, 2014.

MUZART, Zahidé. *Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar*. In: MOREIRA, Eunice Maria (Org.) *História da Literatura, teorias, temas e autores*. São Paulo: Mercado Aberto, 2003.

NDIAYE, Christiane. *Introduction aux littéraires francophones*. Presses de l'Université de Montréal : Québec, 2004.

OIF - Organização Internacional da Francofonia. A língua francesa no mundo. p. 6., Paris: Éditions Nathan, 2014. Disponível em: http://www.francophonie.org/IMG/pdf/oif_synthese_portugais_001-024.pdf. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

SAÏD, Amina. *Au présent du monde*, La Différence, Paris, 2006.

SALVAT, Julienne. *Odeurs cafrines*, Editions L'Harmattan, Paris, 2017.

TOURAINÉ, Alain. *O Mundo Das Mulheres*. São Paulo: Ed. Vozes, 2007.

VAILLANT, Alain. *La poésie : Introduction à l'analyse des textes poétiques*. Armand Colin. Paris, 2008.

ZOLIN, Lúcia Osana. *A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pósmodernidade*. IPOTESI, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2009.